



CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GEOGRAFIA

MARIA EDUARDA GELAIN DOS SANTOS

A VIDA NOTURNA QUEER CHAPECOENSE:
UMA ANÁLISE DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS POR JOVENS LGBTQIA+

CHAPECÓ

2024

MARIA EDUARDA GELAIN DOS SANTOS

**A VIDA NOTURNA QUEER CHAPECOENSE:
UMA ANÁLISE DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS POR JOVENS LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção de grau de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Igor Catalão

CHAPECÓ
2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Santos, Maria Eduarda Gelain dos
A vida noturna queer chapecoense:: Uma análise da
ocupação dos espaços por jovens LGBTQIA+ / Maria Eduarda
Gelain dos Santos. -- 2024.
66 f.

Orientador: Doutor Igor Catalão

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Chapecó, SC, 2024.

1. Sociabilidade. 2. Juventude Queer. 3. Lazer
Noturno. 4. Chapecó. I. Catalão, Igor, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MARIA EDUARDA GELAIN DOS SANTOS

**A VIDA NOTURNA QUEER CHAPECOENSE:
UMA ANÁLISE DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS POR JOVENS
LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso
de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul
como requisito para a obtenção de grau de licenciada
em Geografia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/08/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **IGOR DE FRANCA CATALAO**
Data: 20/11/2023 11:03:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Igor Catalão – UFFS Orientador

Documento assinado digitalmente
 **PAULA VANESSA DE FARIA LINDO**
Data: 27/09/2024 17:25:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Paula Vanessa de Faria Lindo – UFFS Avaliadora

Documento assinado digitalmente
 **IVAN PAOLO DE PARIS FONTANARI**
Data: 25/09/2024 14:30:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ivan Paolo de Paris Fontanari – UFFS Avaliador

Dedico este trabalho a minha mãe, que sempre
foi meu maior exemplo de força e a família
que eu construí ao longo do caminho.
Obrigada por me apoiarem sempre!

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, esta é a parte mais emocionante deste trabalho. Houve momentos em que duvidei que conseguiria chegar até aqui, mas, apesar dos desafios inerentes à trajetória em uma instituição federal, essa conquista se tornou possível graças ao apoio de pessoas especiais que cruzaram meu caminho. São tantas que nem sei como expressar minha gratidão, mas saibam que cada uma de vocês ocupa um lugar único em meu coração, e sem vocês, eu não teria chegado até aqui.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais, Aleksandra e Fernando, que, cada um à sua maneira, me incentivaram a ingressar na universidade e, principalmente, a persistir nesta jornada. Obrigada por me apoiarem da melhor forma que puderam.

Ao meu companheiro de todas as horas e humores, meu maior incentivador e amigo, Juan: minha gratidão eterna por sempre acreditar no meu potencial, especialmente nos momentos em que eu mesma não conseguia. Você, Aurora, Kaito e Katara são a família que eu escolhi, amo vocês demais.

À minha amiga de longa data, Alessandra, que, mesmo não sendo minha irmã de sangue, ocupa esse lugar no meu coração. Ao Andrew e Estela obrigada pela confiança em me ter como testemunha da união de vocês, é uma honra que carregarei para sempre comigo. Ale e Estela, lembrem-se que se vocês estiverem cansadas de serem conhecidas por quem vocês conhecem, sempre estarei aqui.

Aos amigos que fiz pelos corredores da universidade — Nataly, Ísis, Gean, Gustavo, Júnior, Mateus, Victória, Gabi, Agnes e Taíne —, guardarei com carinho cada momento compartilhado ao longo desses anos. E, de forma especial, aos meus companheiros de graduação, Bruna e Victor: vocês entraram na minha vida e tornaram essa jornada muito mais leve e significativa. Agradeço imensamente por fazerem parte da minha história. Vida longa ao geogracinhas!

Obrigada a todos os professores da UFFS, que foram fundamentais na minha formação acadêmica. aos Profs. Drs. Andrey Luis Binda, Ricardo Alberto Scherma e principalmente a Prof.a Dr.a Gisele Leite de Lima Primam, quando crescer quero ser como vocês.

Por fim, dedico um agradecimento especial ao professor Igor Catalão, meu orientador neste trabalho. Obrigada pela paciência, pelos ensinamentos e por me guiar desde os primeiros passos, quando eu tinha apenas uma vaga ideia do que esta pesquisa poderia se tornar. Sua orientação foi essencial para que este projeto chegasse ao fim, e sou imensamente grata por tudo.

*Vou mostrando como sou / E vou sendo como posso
Jogando meu corpo no mundo / Andando por todos os cantos
E pela lei natural dos encontros / Eu deixo e recebo um tanto
E passo aos olhos nus / Ou vestidos de lunetas
Passado; presente; participo / Sendo o mistério do planeta!
Os Novos Baianos – Mistério do Planeta (1972)*

RESUMO

A Geografia é uma ciência que tem por objetivo entender a relação entre a sociedade e o espaço. A existência de espaços, tanto públicos quanto privados, que possibilitem a sociabilidade entre jovens LGBTQIA+ é fundamental para o seu desenvolvimento como indivíduos na sociedade, mas vivermos em uma sociedade estruturada sob uma lógica binária de gênero, o que torna a construção destes espaços voltadas apenas para corpos heterocisnormativos. Chapecó, uma cidade média localizada na região oeste do estado de Santa Catarina, apresenta um cenário onde a juventude *queer* enfrenta dificuldades em ocupar espaços que possam proporcionar sua sociabilidade. A partir desta ideia, o presente trabalho tem como objetivo compreender as práticas de sociabilidade destes jovens, se desdobrando nos seguintes objetivos específicos: 1) identificar quais são os espaços escolhidos entre os jovens para a socialização; 2) analisar como acontece a ocupação destes espaços pelos jovens LGBTQIA+; e 3) compreender como se dá o acesso a estes espaços de socialização. Para isso, será utilizado como metodologia a abordagem qualitativa através dos seguintes procedimentos: entrevista, observação participante e questionário. As leituras aqui utilizadas provém de autores como Joseli Silva, Nécio Turra Neto, Vinícios Nalin e Bruna Keshner. O resultado da pesquisa demonstrou que por meio da tensão com as normas do poder hegemônico, surge a criação de espaços para que esta juventude *queer* exerça a sua sociabilidade, impactando diretamente na produção do espaço da cidade e simbolizando uma luta pelo pertencimento social desta comunidade.

Palavras-chave: Sociabilidade, Juventude Queer, Lazer Noturno, Chapecó.

ABSTRACT

Geography is a science that aims to understand the relationship between society and space. The existence of both public and private spaces that enable sociability among LGBTQIA+ youth is essential for their development as individuals in society. However, we live in a society structured under a binary logic of gender, which results in the construction of these spaces being directed solely toward heteronormative and cisnormative bodies. Chapecó, a mid-sized city located in the western region of the state of Santa Catarina, presents a scenario where queer youth face challenges in occupying spaces that could provide opportunities for sociability. Based on this idea, the present study aims to understand the sociability practices of these young people, unfolding into the following specific objectives: 1) to identify the spaces chosen by young people for socialization; 2) to analyze how the occupation of these spaces by LGBTQIA+ youth occurs; and 3) to understand how access to these socialization spaces takes place. To achieve this, a qualitative approach will be used as a methodology, through the following procedures: interviews, participant observation, and questionnaires. The readings utilized in this study come from authors such as Joseli Silva, Nécio Turra Neto, Vinícios Nalin, and Bruna Keshner. The research results demonstrated that through the tension with the norms of hegemonic power, the creation of spaces emerges for queer youth to exercise their sociability, directly impacting the production of urban space and symbolizing a struggle for the social belonging of this community.

Keywords: Sociability, Queer Youth, Nightlife, Chapecó.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1.1.1.1 Mapa 1 – Localização da cidade de Chapecó no estado de Santa Catarina	15
3.1.1.1 Mapa 2 – Rede Urbana de Santa Catarina 2008	25
3.1.1.2 Mapa 3 – Rede Urbana de Santa Catarina 2020	25
3.1.1.3 Mapa 4 – Região de influência da cidade de Chapecó 2008	26
3.1.1.4 Mapa 5 – Região de influência da cidade de Chapecó 2020	27
3.2.1.1 Mapa 6 – Localização dos espaços privados utilizados pelo público LGBTQIA+ em Chapecó	33
3.2.1.2 Figura 1 – Fachada da Cubo Multicultural	34
3.2.1.3 Figura 2 – Fachada do Rolê 49	35
3.2.1.4 Figura 3 – Aviso sobre as regras do estabelecimento	36
3.2.1.5 Figura 4 – Fachada da Space Car & Fun	37
4.1.1.1 Figura 5 – Jovens ocupando a rua	39
4.1.1.2 Gráfico 1 – Orientação afetivo-sexual	41
4.1.1.3 Gráfico 2 – Faixa etária	41
4.1.1.4 Gráfico 3 – Você utiliza espaços públicos para socializar à noite?	42
4.3.1.1 Gráfico 4 – Frequência de uso dos espaços privados de lazer e socialização	49
4.3.1.2 Gráfico 5 – Estabelecimentos frequentados	50
4.3.1.3 Gráfico 6 – Existe uma boa quantidade de espaços que promovem a socialização de jovens em Chapecó?	52

LISTA DE TABELAS

3.1.1.4.1 Tabela 1 – Evolução da população do município de Chapecó/SC (1940-2022) 29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais e outros.
REGIC	Regiões de Influência das Cidades
SC	Santa Catarina
UNA	União Nacional LGBT

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.2 NOTAS METODOLÓGICAS	16
2 A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA GEOGRAFIA DE GÊNERO	20
2.1 GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADE	20
2.2 SOCIABILIDADE E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE	22
2.3 VIDA NOTURNA E LAZER NOTURNO	23
3 CIDADES MÉDIAS E OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE: DE QUE ESPAÇOS CHAPECÓ DISPÕE PARA O LAZER?	24
3.2 ESPAÇOS DE LAZER NOTURNO LGBTQIA+ EM CHAPECÓ	30
4 LAZER PRIVADO E LAZER PÚBLICO: A DEMANDA DE JOVENS LGBTQIA+ POR ESPAÇOS PRÓPRIOS PARA O SEU LAZER	38
4.2 A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS PRIVADOS PARA O LAZER NOTURNO LGBTQIA+	44
4.3 AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DO LAZER NOTURNO DA JUVENTUDE LGBTQIA+	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A – Estrutura da entrevista com os donos	62
APÊNDICE B – Outros resultados do questionário online	63

1 INTRODUÇÃO

É por meio do espaço geográfico que as dinâmicas de sociabilidade em uma sociedade acontecem, mas não são todos os espaços que acolhem os corpos não pertencentes ao padrão hegemônico. Por vivermos em uma sociedade estruturada sob uma lógica binária de gênero, onde apenas corpos heterocisnormativos são considerados inteligíveis, ser um corpo que transgredir este padrão significa estar exposto a diferentes tipos de violência.

A existência de espaços, sejam eles públicos ou privados, aptos para o exercício da sociabilidade entre jovens LGBTQIA+ é de extrema importância para o seu desenvolvimento como sujeitos na sociedade. Quando a ocupação de espaços existentes por estes jovens é malquista, eles são compelidos a partirem em busca de ocupar novos lugares onde possam ter o seu lazer e conseqüentemente a sua sociabilidade realizada de forma adequada.

Portanto, este trabalho tem por objetivo compreender as práticas de sociabilidade na vida noturna pelos jovens LGBTQIA+ em espaços do centro da cidade de Chapecó/SC, bem como: 1) identificar quais são os espaços escolhidos entre os jovens para a socialização; 2) analisar como acontece a ocupação destes espaços pelos jovens LGBTQIA+; e 3) compreender como se dá o acesso a estes espaços de socialização.

As inquietações que motivam esta pesquisa são, antes de tudo, de ordem pessoal. Elas surgem de incômodos e problemáticas por mim vivenciadas em meu próprio contexto de vida cotidiana. Portanto, considerando a importância de compreender o lugar de fala do pesquisador e reconhecendo que toda pesquisa nasce de um problema da vida, os próximos parágrafos contam o processo que levou ao surgimento desta pesquisa.

Por ser uma mulher cisgênero, nascida e criada em uma família conservadora e religiosa, havia expectativas quanto ao meu desempenho como mulher, de permanecer nos costumes de uma família tradicional, afinal ‘precisava’ cumprir o papel de gênero imposto a mim. Através do meu ingresso na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), comecei a ter contato com outras vivências e formas de ver o mundo, o que possibilitou me entender como membro da comunidade LGBTQIA+ e os reflexos que isso causa em minha existência.

Estudar a relação entre produção e apropriação do espaço urbano na disciplina de Geografia Urbana, especialmente em uma aula sobre Geografia e gênero, me fez perceber as problemáticas envolvendo gênero, sexualidade e ocupação do espaço. Por vivenciar e presenciar muitos ataques à comunidade LGBTQIA+, tornou-se inevitável não relacionar os debates em sala de aula com as experiências pessoais. Através de conversas e relatos sobre

como é difícil acessar certos espaços quando se é marginalizado pela sociedade, foi se criando a ideia de pesquisar quais espaços Chapecó dispõe para sociabilidade da juventude LGBTQIA+ e como os seus corpos transformam o espaço geográfico.

A ciência geográfica é construída pelo estudo da relação entre a sociedade e o meio, e atualmente a Geografia vem gradativamente incorporando a corrente teórica dos estudos de gênero e de sexualidade ao seu escopo de pesquisa, uma vez que todo ser humano – cada um/a à sua maneira – possui o poder de transformar o espaço onde vive.

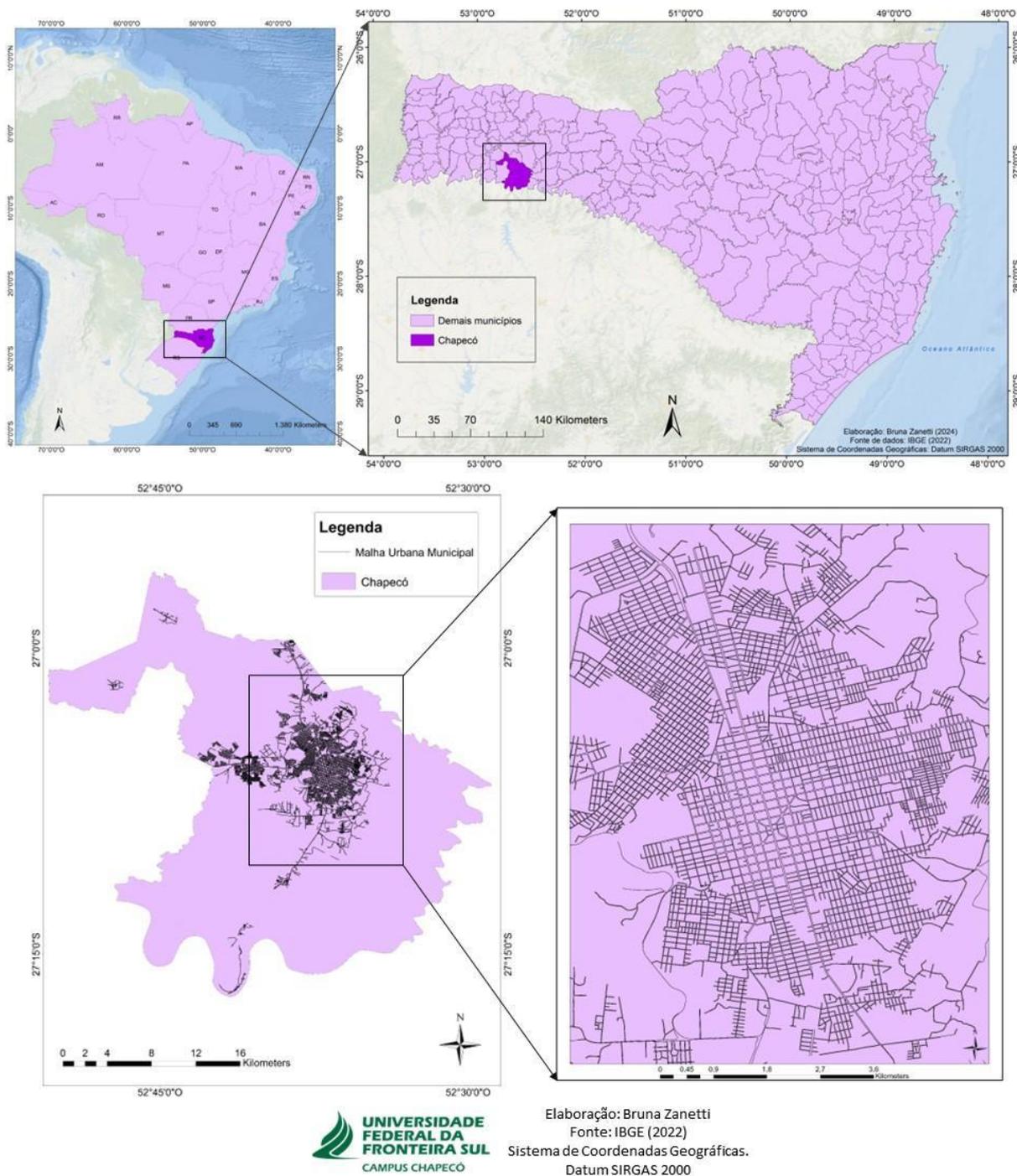
O presente trabalho se faz relevante, pois evidencia adversidades que corpos dissidentes vivenciam em uma cidade média do interior, pois cidades deste tipo, por não estarem nos grandes focos midiáticos, pouca são consideradas para discussão de tais assuntos. Com isso, posso dizer que trago a discussão à tona para que a sociedade possa debater e refletir sobre ideias retrógradas que não fazem mais sentido nos tempos atuais.

Lindo (2021) destaca, em sua pesquisa sobre o mapeamento das pesquisas de gênero na Geografia brasileira entre 2010 e 2019, o crescimento dessas temáticas na área, embora ainda representem uma pequena parte da produção acadêmica no campo da geografia. Para Reis (2015), uma comunidade científica é uma microssociedade que reflete os interesses e lutas pelo poder da sociedade em geral, influenciando a escolha dos temas de pesquisa, modelos teóricos e enfoques analíticos. É crucial, portanto, sistematizar um conhecimento que sirva de base para futuras pesquisas acadêmicas em Geografia, especialmente sobre populações marginalizadas e invisibilizadas nas ações do Estado.

Chapecó é uma cidade média (Matiello *et al.*, 2016) localizada no oeste de Santa Catarina (mapa 1), fundada em 1917 e que exerce influência política, econômica e cultural sobre sua região geográfica, além de ser sede da AMOSC (Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina). Segundo o último censo realizado pelo IBGE, conta com 254.785 pessoas e é uma das quinze maiores cidades que têm a maior proporção de jovens no estado¹.

¹ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/as-cidades-de-sc-que-tem-mais-jovens-segundo-o-censo-2022> Acesso em: 09 ago. 2024.

1.1.1.1 Mapa 1 – Localização da cidade de Chapecó no estado de Santa Catarina



Fonte: IBGE (2022)
 Elaboração: Bruna Zanetti (2024)

Este trabalho foi estruturado em 3 capítulos, além da presente introdução e das considerações finais. As notas metodológicas compõem a introdução e têm por objetivo detalhar as etapas e abordagens escolhidas para realizar a pesquisa.

O primeiro capítulo apresenta a fundamentação teórica utilizada para embasar os questionamentos e análises que serão feitos em outros capítulos. É intitulado “A construção dos espaços de sociabilidade através da geografia de gênero” e divide-se em três seções. A primeira seção discorre sobre o surgimento e evolução da pesquisa de gênero e sexualidade nos estudos geográficos das últimas décadas, já a segunda aborda sobre os espaços de sociabilidade e, por fim, a terceira trata do lazer noturno.

O segundo capítulo, “Cidades médias e os espaços de sociabilidade: de que espaços Chapecó dispõe para o lazer”, traz uma breve análise sobre a formação de Chapecó, seu desenvolvimento como cidade média e faz uma caracterização sobre o uso de espaços públicos e privados para o lazer. Também está contido nele uma seção que apresenta os espaços privados de lazer noturno LGBTQIA+ em Chapecó.

O terceiro capítulo, “Lazer privado e lazer público: A demanda de jovens LGBTQIA+ por espaços próprios para o seu lazer”, discorre sobre os conhecimentos empíricos adquiridos através das etapas metodológicas utilizadas e analisa a maneira como ocorrem as práticas de sociabilidade da juventude LGBTQIA+ chapecoense e como isso transforma o uso do espaço.

O trabalho termina com as considerações finais em que retomamos alguns aspectos desenvolvimento ao longo do texto.

1.2 NOTAS METODOLÓGICAS

Antes de estabelecermos as etapas da pesquisa, foi preciso definir qual metodologia seria utilizada para fundamentar este estudo. Optamos pelos procedimentos metodológicos de caráter qualitativo, pois “a metodologia qualitativa possibilita-nos compreender os significados do espaço, que não se apresentam por si mesmos, já que eles são produzidos a partir das práticas espaciais do sujeitos, ao mesmo tempo em que as práticas são por eles influenciadas” (Milani e Góes, 2022, p. 175).

Para que pudéssemos cumprir com os objetivos aqui propostos e compreender as práticas de sociabilidade na vida noturna dos jovens LGBTQIA+ em Chapecó, definimos utilizar quatro abordagens metodológicas.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na revisão bibliográfica, que teve por objetivo identificar as produções acadêmicas da área da geografia já realizadas nacional e regionalmente sobre os temas aqui abordados. Utilizamos uma parte destas produções como aporte teórico para embasar os próximos capítulos desta pesquisa. Estas produções foram buscadas através do

uso das seguintes palavras-chaves: “Cidades médias”, “Lazer noturno”, “Sociabilidade”, “Juventude LGBTQIA+”, “*Queer*”, “Gênero e espaço” e “Gênero e sexualidade”. Tais termos foram pesquisados de forma online por meio do Google Acadêmico, Portal Scielo e Portal de Periódicos da Capes, além do Repositório da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Também foi realizada uma breve pesquisa presencial nos acervos da Biblioteca da UFFS e da Biblioteca Municipal de Chapecó Neiva Maria Andreatta Costella.

A produção de dados e informações utilizados nesta pesquisa foi realizada em três etapas metodológicas, descritas a seguir. Vale destacar que essas etapas não ocorreram necessariamente de forma sequencial, mas simultaneamente ao longo da execução da pesquisa.

A primeira etapa metodológica da produção de dados e informações se deu na realização de uma entrevista semiestruturada com os proprietários de dois espaços de lazer noturno voltados ao público LGBTQIA+: a Cubo Multicultural e o Rolê 49. Estes espaços foram escolhidos por estarem localizados no centro da cidade e promoverem grande liberdade de expressão e diversão para pessoas LGBTQIA+. O roteiro desta entrevista está incluído nos apêndices.

Objetivou-se, com a entrevista, entender as motivações que levaram à criação destes empreendimentos, quais são as dificuldades de mantê-los e se existem possíveis entraves para a existência destes estabelecimentos por parte do poder público da cidade. O contato com os donos dos estabelecimentos foi realizado primeiramente via Instagram, e o agendamento da entrevista foi marcado através do *WhatsApp*.

Uma entrevista feita com um ‘agente bem-informado’, que nesta pesquisa são os proprietários destes espaços de lazer noturno, nos possibilita compreender as lógicas urbanas, pois são estes agentes, entre outros, que atuam na produção do espaço (Silva *et al.*, 2022).

Com a finalidade de entender como estes espaços são construídos, a segunda etapa metodológica buscou, por meio de uma entrevista com frequentadores e não frequentadores, a percepção que eles possuem destes estabelecimentos. Isto foi feito por meio de um questionário online, realizado através da plataforma *Google Forms*, com objetivo exploratório e sem definição de amostragem. Contamos com um total de 29 respostas de pessoas que se voluntariaram para participar. O link do questionário foi enviado pelos aplicativos *WhatsApp* e *Instagram* a partir do contato feito com pessoas previamente conhecidas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ e que, além de responderem, também compartilharam o link entre seus conhecidos, fazendo com que o questionário chegasse em mais pessoas. O questionário também foi realizado presencialmente com uma quantidade menor de pessoas durante a

realização da 7ª Parada de Luta LGBTQIA+ do Oeste Catarinense que aconteceu no final do mês de julho de 2024. A parada é realizada desde o ano de 2016 pela UNA LGBT.

A estrutura do questionário se deu da seguinte forma: as perguntas foram divididas em duas seções, sendo que a maior parte das perguntas são direcionadas. A apresentação do tema da pesquisa e a solicitação de concordância iniciam o questionário. A primeira seção tem por objetivo traçar o perfil dos entrevistados (idade, identidade de gênero, orientação sexual, cor/raça, ocupação, escolaridade). A segunda seção é sobre a sociabilidade em Chapecó e as perguntas feitas nesta seção tinham como objetivo identificar quais espaços os participantes utilizam para exercer a sua sociabilidade, o que atrai estes jovens a estes espaços e se, na perspectiva deles, existe uma boa quantidade de espaços que promovem a socialização de jovens. O questionário é finalizado com uma última pergunta não obrigatória aberta para que os participantes exponham suas percepções sobre a relação que o poder público da cidade mantém com a juventude, em especial a juventude LGBTQIA+.

A terceira e última etapa metodológica consistiu na observação participante, realizada de modo exploratório ao longo do primeiro semestre de 2024 majoritariamente em um dos estabelecimentos citados acima, o Rolê 49. A realização da observação participante aconteceu predominantemente neste estabelecimento porque ele tem como prática regular disponibilizar uma parcela dos ingressos de forma gratuita para seus frequentadores, além de também vender ingressos por um valor menor do que o visto em outros estabelecimentos do mesmo ramo, tal feito permitiu mais visitas em comparação com o outro estabelecimento analisado, haja vista que a pesquisa não contou com qualquer tipo de fomento externo.

Entre março e junho foram realizadas 10 visitas que se estenderam entre o horário das 22h até às 2h do dia seguinte. Utilizamos este recurso com o objetivo de compreender como a ideia de gênero e sexualidade é construída a partir de lugares específicos e analisar como as práticas destes jovens condicionam estes espaços ou são por eles condicionadas.

Conforme as etapas de coleta de dados foram sendo concluídas, as informações obtidas através do questionário foram sistematizadas e se deu início à transcrição da entrevista realizada com os donos dos estabelecimentos. Após ter todos os dados tratados, deu-se início às discussões que estão presentes no capítulo 3.

2 A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE ATRAVÉS DA GEOGRAFIA DE GÊNERO

Os campos de estudo da Geografia passam por transformações epistêmicas desde sua concepção como ciência moderna e, com isso, as categorias de análise da geografia sofrem ressignificações através da construção de cada concepção no pensamento geográfico.

O espaço é concomitantemente uma representação humana e uma materialização do pensamento humano. Alguns ambientes foram criados para serem frequentados por indivíduos específicos e, desta forma, o espaço se torna um reflexo da intencionalidade humana, que tanto proíbe quanto permite a circulação de outras pessoas. Segundo Aguiar (2018, p. 2), “o espaço como lócus de análise de uma dada realidade, dentro da perspectiva geográfica, tem como sistema vital acompanhar as transmutações humanas e da natureza. Isto porque, o espaço é produzido pela organização das sociedades, que são baseadas em desigualdades, sejam de gênero, étnicas, econômicas e, outrossim, sociais”.

2.1 GEOGRAFIA, GÊNERO E SEXUALIDADE

O estudo das relações entre o ser humano e o meio já se faz presente há muito tempo no debate geográfico, mas a incorporação do debate de gênero e principalmente de sexualidade é consideravelmente recente. A relutância em considerar outros corpos que não o de um homem cisgênero não é por acaso, já que, por muito tempo, foram naturalizados os discursos hegemônicos da Geografia, dominada por uma perspectiva branca, masculina e heterossexual, ignorando sistematicamente a variável gênero como elemento no estudo das análises espaciais (Reis, 2015).

Grossi (2015) aponta que os movimentos libertários² dos anos 1960 foram responsáveis por influenciar as problemáticas de gênero, uma vez que as mulheres que faziam parte destes movimentos foram percebendo que, apesar de militar em pé de igualdade com os homens, para elas sobravam apenas o lugar de coadjuvante na luta pelos direitos coletivos. É também durante essa década que o movimento feminista em escala mundial começa a lutar por temas que vão além do espaço político e social (Alves; Alves, 2013). Como resultado destes acontecimentos, as mulheres tornam-se conscientes da falta de representatividade no campo científico.

² Esses movimentos são “as revoltas estudantis de maio em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, os black panthers, o movimento hippie e as lutas contra a guerra do Vietnã nos EUA, a luta contra a ditadura militar no Brasil” (Grossi, 2015, p. 2)

O debate sobre gênero dentro da geografia começou a surgir nos anos 1970, quando se começou um questionamento de por que não havia estudos que considerassem outros corpos além dos masculinos nas análises da produção do espaço. A vertente geográfica passou a ser conhecida como “Geografias feministas”³ e já teve diversas rupturas epistemológicas (Silva e Ornat, 2010).

Ainda durante a década de 1970, os estudos dedicados à relação entre espaço e corpo se limitavam em dois tipos: o mapeamento de padrões espaciais de atividades femininas e a produção de estatísticas fortemente baseadas nas diferenças corporais, além de serem focados apenas na categoria mulher (Oberhauser *et al*, 2003 *apud* Silva e Ornat, 2010). Portanto, neste primeiro momento os estudos de gênero ainda não haviam incluído recortes como: raça, sexualidade e classe social em suas análises espaciais.

A “atribuição das desigualdades entre homens e mulheres no sistema patriarcal” (Reis, 2015, p. 15) passa a acontecer ao decorrer dos anos 1980, período em que as Geografias Feministas apresentam seu segundo movimento teórico. Influenciada pelo marxismo, os estudos passaram a associar a luta de classes às desigualdades de gênero.

Apesar dos avanços nas últimas décadas, nos anos 1990 o campo de estudo das Geografias Feministas recebeu diversas críticas direcionadas à figura de feminilidade genérica utilizada em seu trabalho, pois, como comenta Silva e Ornat (2010, p. 85), esta vertente do pensamento geográfico adotava uma:

[...] feminilidade genérica, pautada pelas relações de classes e fundamentada na figura da mulher esposa, mãe, heterossexual, branca e trabalhadora, que relegava a planos inferiores outras identidades marcadas por sistemas políticos e culturais de opressão, como a sexualidade e a racialidade.

Foi através das críticas direcionadas à produção científica das Geografias Feministas, que permaneciam negligenciando fatores determinantes como racialidade e sexualidade em suas análises envolvendo o espaço urbano, que resultou na vertente conhecida hoje como “Geografias Queer”. Apoiada em elementos utilizados nas Geografias Feministas, por exemplo a crítica à perspectiva hegemônica da ciência (Silva e Ornat, 2010).

Esta vertente inclui abordagens que preconizam um novo enfoque sobre as relações de gênero e sexuais, partindo do pressuposto de que, conforme Silva (2009, p. 121), “não há

³ Para Silva (1998, p. 107): “A Geografia de gênero não é “Geografia das ou de mulheres”, pois assim pareceria que só estudaríamos a metade da humanidade e que somente as mulheres poderiam fazer uma Geografia feminista”.

posições binárias entre gêneros, mas complexidades de relações que constroem identidades paradoxais”.

A vertente geográfica queer expandiu as lutas dentro das geografias feministas ao superar a visão binária de gênero, incorporando uma análise relacional que abrange gênero, sexualidades, classe, raça e etnia. Além disso, ela desenvolveu uma crítica epistemológica relevante para entender as ausências de vários grupos sociais subalternos, sistematicamente ignorados pelo saber científico geográfico. Portanto, esta teoria tem como cerne de discussão uma crítica à dicotomia heterossexual/homossexual que estrutura o conhecimento e as ações dos sujeitos no mundo.

2.2 SOCIABILIDADE E ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

O ser humano é essencialmente um ser social e a sociabilidade é um fator muito importante para que o mesmo conviva em sociedade. A socialização é vista como processo natural derivado da sociabilidade que é considerada intrínseca ao ser humano, gerando associações apoiadas em diversos interesses e necessidades em comum, dos quais seus membros poderão usufruir (Simmel, 1983).

Podemos dizer então que a sociabilidade ocorre sem um motivo ou conteúdo pré-estabelecido, apenas como uma expressão espontânea dos grupos sociais (Maia, 2001), mas com a aceleração do modo de vida, as práticas de sociabilidade estão se tornando cada vez mais correlacionadas ao consumo e, para Keshner (2023, p. 14), a construção de espaços destinados a estas práticas “não está entre as prioridades do modo de vida capitalista, de maneira que estes espaços são tratados, muitas vezes, como espaços de ócio, sendo desenvolvidos como espaços decorativos”.

Seja como prática de lazer, seja ainda como refúgio, principalmente em casos de conflitos familiares, a juventude utiliza a sociabilidade para se reunir sem a presença de supervisores em uma tentativa de se sentirem mais independentes (Pereira, Turra Neto e Bernardes, 2019).

Conforme o Estatuto da Juventude brasileiro, jovens são aqueles que possuem de 15 a 29 anos de idade. Por ser uma etapa da vida em que o sujeito ainda está em formação e por isso não possui necessariamente uma estabilidade financeira, os espaços de socialização se reduzem devido ao acesso que estes jovens terão aos lugares. Logo, faz-se necessário que os lugares existam para que essa formação aconteça sem empecilhos.

2.3 VIDA NOTURNA E LAZER NOTURNO

As práticas sociais noturnas existem desde o início da humanidade (Turra Neto, 2017) e, através da complexificação das técnicas e expansão da disponibilidade de iluminação proporcionada pelas inovações científicas e tecnológicas, vêm se estabelecendo diferentes arranjos na produção do espaço urbano. Conforme Silva, Ornant e Lee (2017, p. 61), “a iluminação trouxe outros sentidos para a noite que vão muito além dos espaços públicos iluminados, mas também para vários locais privados como casas, hotéis, escritórios, bares, boates e outros”.

Apesar de o lazer também ocorrer no período diurno, os jovens recorrem à vida noturna das cidades para se reunir, pois é na noite que eles se veem livres para construir seu próprio espaço, sem a presença de hierarquias (Pereira, Turra Neto e Bernardes, 2019). Em busca de lazer, também é na vida noturna que corpos que destoam do sistema heterocisnormativo se estabelecem para exercer a sua sociabilidade, pois, como destaca Silva, Ornat e Lee (2021, p. 65-66):

A noite facilita a exposição de afetos e de performances corporais de grupos sociais dissidentes da cis-heteronormatividade na cidade. Contudo, a noite vivenciada por grupos LGBTTT é interseccionada por outros marcadores como gênero, classe, raça e idade, evidenciando que não é possível conceber um único padrão de espaços noturnos para as minorias sexuais que não conformam grupos homogêneos internamente. A crescente exploração da economia noturna também criou espaços de gentrificação e de exclusão daqueles vistos como indesejáveis. [...] Embora a economia da noite mais cosmopolita tenha uma predominante homonormatividade, há ainda várias outras comunidades de gays que preservam estilísticas transgressoras próprias e produzem uma vida noturna queer como contraponto aos processos de gentrificação.

Normalmente os espaços destinados ao consumo tendem a estar localizados na área central da cidade devido ao seu poder de atração de fluxos. Como os principais espaços para socializar estão localizados no centro, isso acaba contribuindo para uma fragmentação socioespacial onde os cidadãos se restringem aos seus próprios nichos de convivência, pois a presença do Outro se torna uma ameaça (Pereira, Turra Neto e Bernardes, 2019). Portanto esses corpos, na busca de exercer o seu lazer e conseqüentemente a sua sociabilidade, acabam por provocar um movimento contrário à homogeneização dos espaços que ocupam, o que acaba criando tensões com as heterocisnormatividades locais.

3 CIDADES MÉDIAS E OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE: DE QUE ESPAÇOS CHAPECÓ DISPÕE PARA O LAZER?

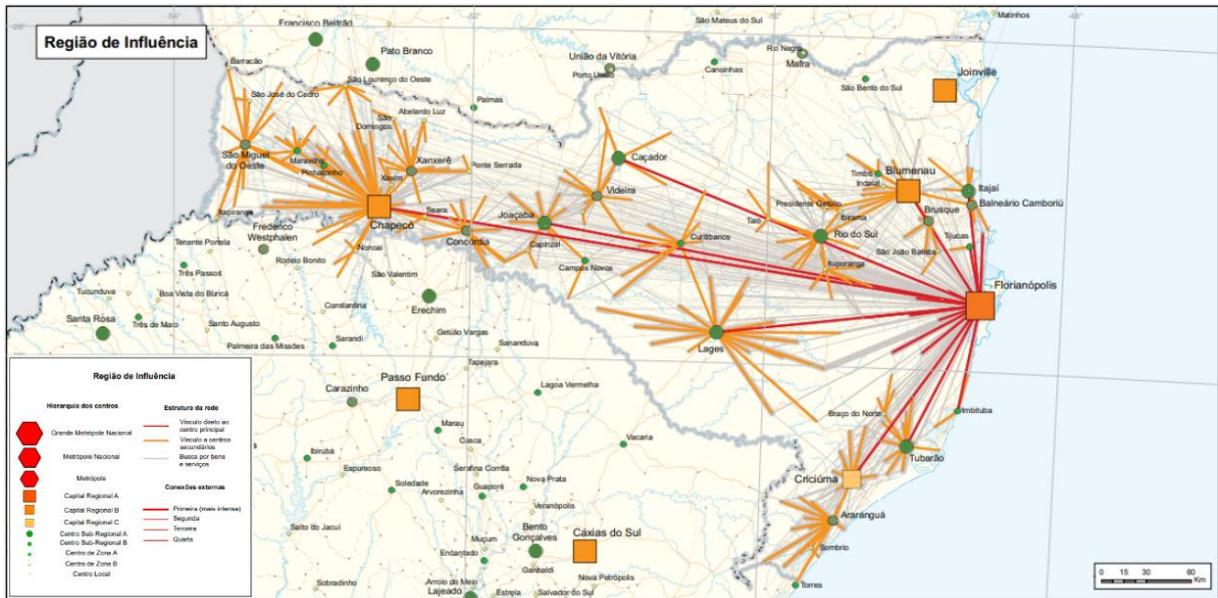
Cidades médias são centros urbanos que desempenham um papel significativo no desenvolvimento regional, oferecendo uma infraestrutura urbana mais avançada em relação às áreas rurais e pequenas cidades, mas sem lidar com a complexidade e a maioria dos problemas existentes nas metrópoles. Apesar de o termo ‘cidade média’ também ser usado como critério demográfico, para Sposito (2010), as cidades médias são cidades que possuem um papel de intermediação entre cidades pequenas e cidades grandes e metropolitanas de uma mesma rede urbana.

A pesquisa Regiões de Influência das Cidades – REGIC, que é realizada pelo IBGE desde os anos 1960, define a hierarquia dos centros urbanos brasileiros e delimita as regiões de influência a eles associados. Os resultados dessas pesquisas, a cada publicação, atualizam informações sobre a organização da rede urbana nacional e sua escala hierárquica, além de consolidarem um histórico da distribuição e trajetória das classes de centralidades exercidas pelos municípios brasileiros, e identificarem suas regiões de influência (Moura; Nagamine; Ferreira, 2021).

Para Keschner (2017, p. 22), “em Santa Catarina, o papel das cidades médias é, de certa forma, central, visto que as cidades de maior importância na rede urbana são cidades de porte médio que desempenham papéis de intermediação, sem constituir propriamente uma rede urbana”. Por meio da última REGIC, publicada em 2020, que nos mostra as alterações em nível nacional dos arranjos populacionais – identificados como AP nos mapas 2 e 4 – dos cinco níveis de hierarquia urbana, e com a análise destes dados, podemos constatar que ocorreram mudanças nos arranjos populacionais da rede urbana catarinense nas últimas décadas.

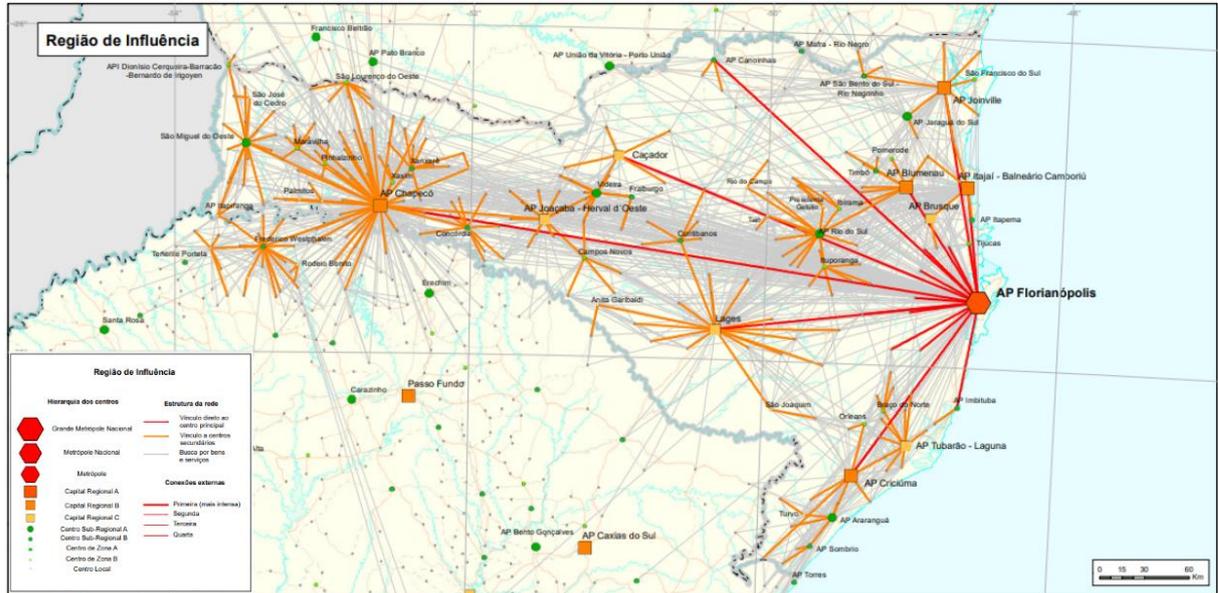
Ao comparar os mapas de 2008 (mapa 2) e 2020 (mapa 3) das regiões de influência das cidades do estado de Santa Catarina, pode-se perceber que, no intervalo de 12 anos entre as publicações da pesquisa, várias cidades avançaram a ponto de mudarem sua classificação na hierarquia urbana proposta pelo IBGE. Este é o caso da cidade de Florianópolis, que no estudo de 2008 era tida como capital regional A e agora, com o estudo publicado em 2020, passou a ser considerada uma metrópole. No caso da cidade de Chapecó, ela permanece sendo hierarquizada como capital regional B, apesar da sua relação de influência sobre as outras cidades ter se intensificado no passar dos últimos anos (mapas 4 e 5).

3.1.1.1 Mapa 2 – Rede Urbana de Santa Catarina 2008



Fonte: Extraído de IBGE (2008).

3.1.1.2 Mapa 3 – Rede Urbana de Santa Catarina 2020



Fonte: Extraído de IBGE (2020).

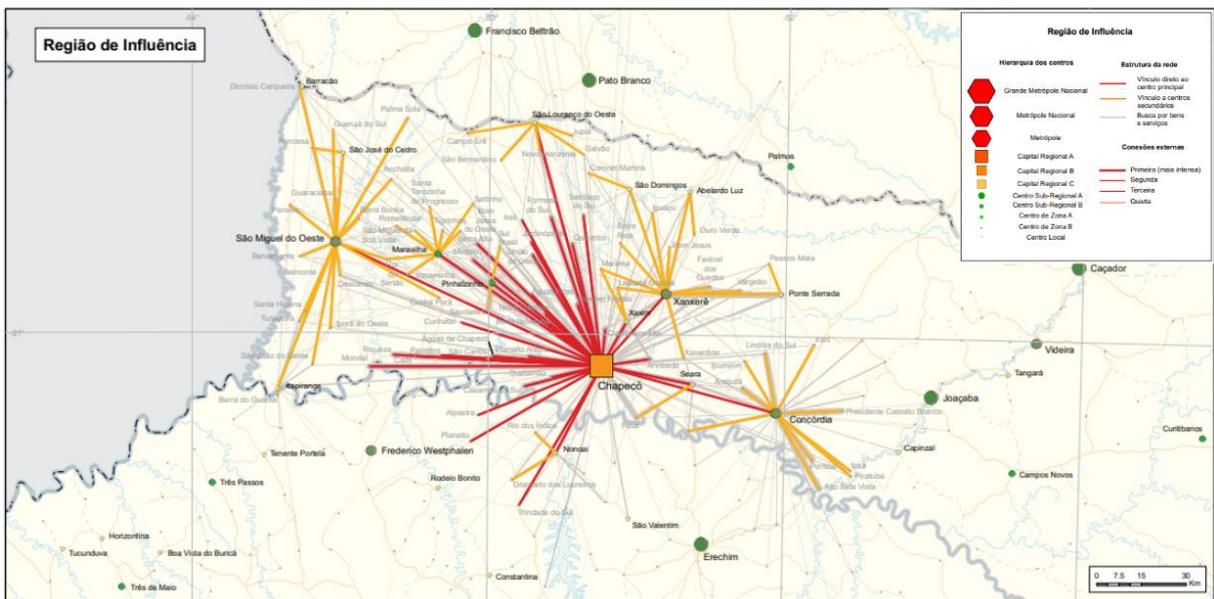
Logo após a metrópole de Florianópolis, Chapecó está listada entre as 5 maiores e mais importantes cidades do estado. A cidade possui grande influência por ser a maior cidade de sua região geográfica intermediária, como pode ser observado no mapa 5. Conforme Keschner (2023), a posição regional de Chapecó reflete o nível de complexidade interna que a cidade apresenta em três aspectos: a estruturação do espaço, a função urbana que desempenha e as

articulações que estabelece com as cidades que estão na sua região de influência. Estas características que a cidade de Chapecó apresenta a definem como cidade média.

As cidades médias, desde os anos 1970, vêm desempenhando um papel muito importante na dinâmica econômica e espacial do país. Através de políticas de desenvolvimento urbano, designaram-se estratégias para aumentar a capacidade produtiva através da localização de equipamentos terciários de alcance regional, com o objetivo de atrair capital para os centros selecionados (Motta; Mata, 2008). Góes *et al.* (2019, p. 14-15) argumentam que:

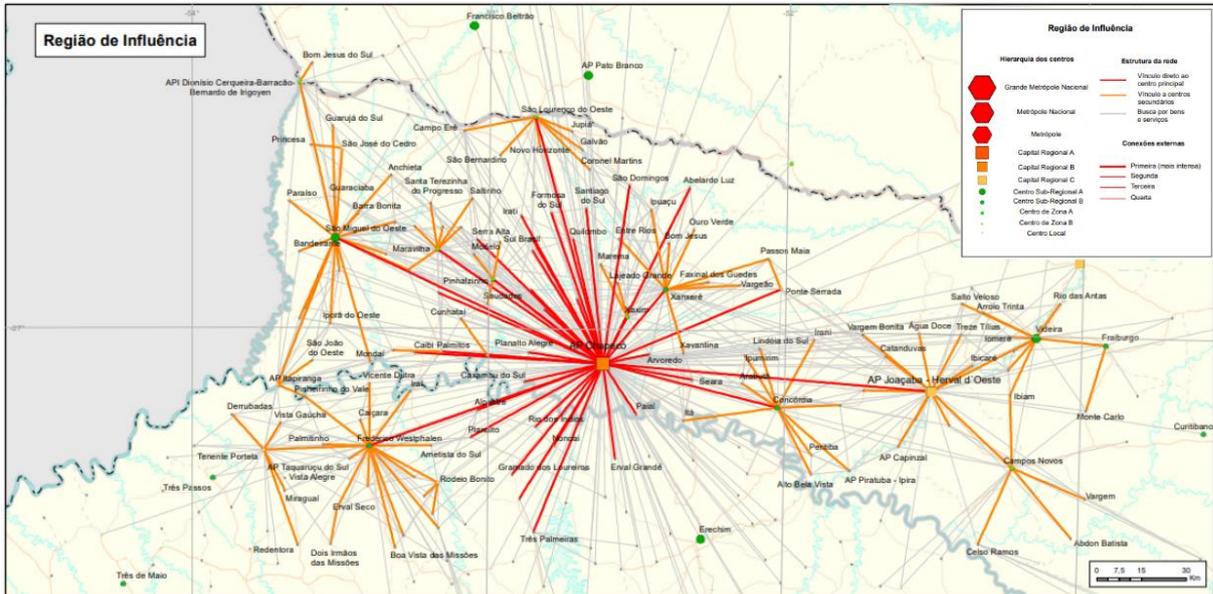
Por essa razão, no âmbito da reestruturação produtiva, um destaque recai sobre a divisão territorial do trabalho no Brasil, no que diz respeito aos papéis que passam a cumprir as cidades no urbano nacional, tendo em vista suas articulações e interações espaciais da escala regional à mundial. Evidencia-se o papel das cidades médias, que tiveram suas funções urbanas alteradas a partir: – do aparecimento ou aumento da atuação de empresas de capital nacional e estrangeiro voltadas, sobretudo, para os ramos industrial e comercial [...].

3.1.1.3 Mapa 4 – Região de influência da cidade de Chapecó 2008



Fonte: Extraído de IBGE (2008).

3.1.1.4 Mapa 5 – Região de influência da cidade de Chapecó 2020



Fonte: Extraído de IBGE (2020).

A cidade de Chapecó, localizada no oeste do estado catarinense, tem o seu desenvolvimento econômico diretamente atrelado ao seu investimento na expansão do agronegócio, assim como das indústrias. Por ser a maior cidade de sua região, a cidade exerce uma força polarizadora que resulta na centralidade de atividades essenciais, inclusive aquelas associadas ao lazer e ao consumo.

Para Staback e Lima (2023, p. 4) “a cidade que assume o lugar de centro polarizador também é de centro de poder, pois nela são tomadas as decisões e representa o perfil do desenvolvimento da região na qual se insere”. Ainda que seja menos complexa que uma metrópole, é a cidade mais diversificada da região e a única a oferecer um conjunto de atividades para diversos públicos, contando, inclusive, com mais de um lugar para sociabilidade noturna LGBTQIA+.

A formação socioespacial do oeste catarinense tem como base o processo de ocupação territorial e econômico idealizado pelo Governo Estadual, através da Lei de Terras, e colocado em prática através das companhias colonizadoras Bertaso, Maia e Cia (Hass, Aldana e Badalotti, 2008; Brito, Spinelli e Catalão, 2021). Tinha-se como objetivo ocupar esta área por meio da colonização, pois a região era considerada um vazio demográfico pelas autoridades da época (Alba, 2002).

A ocupação de terras se deu inicialmente através da comercialização de lotes pequenos de terras destinados a agricultores descendentes de imigrantes europeus, em sua maioria italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul (Nascimento, 2017). Esta ocupação territorial gerou conflitos com caboclos e indígenas, que previamente já habitavam a região, e expropriou esta população ao reivindicar o território para os colonos e criar as primeiras marcas de segregação socioespacial (Hass, Aldana e Badalotti, 2008; Nascimento, 2017).

Durante as primeiras décadas de existência – entre 1920 até 1940 –, Chapecó teve sua economia baseada no extrativismo florestal e pecuário (Hass, Aldana e Badalotti, 2008). Os avanços destas atividades colonizadoras, tiveram como resultado um desenvolvimento econômico e um aumento populacional expressivo, pois os avanços que estavam sendo feitos não chamavam a atenção apenas dos colonos, os “expropriados” – a população indígena e cabocla – também foram atraídos pelas atividades econômicas desenvolvidas.

A população chapecoense, uma vez que as atividades econômicas eram voltadas principalmente para a produção vegetal, se concentrava majoritariamente no campo enquanto a cidade não passava de uma pequena vila (Alba, 2002). Foi somente durante a década de 1950 que as primeiras agroindústrias começaram a surgir na região, o que alavancou ainda mais o crescimento econômico e impactou as formas de ocupação do espaço urbano (Brito, Spinelli e Catalão, 2021).

Motta e Mata (2015, p. 37) apontam que “o processo de urbanização das cidades médias é guiado pelo setor industrial, mas com participação relevante das atividades relacionadas ao setor de serviços”. Matiello *et al.* (2019) complementa essa ideia, indicando que a constituição da rede urbana no oeste de Santa Catarina é resultado de um conjunto de fatores, sendo eles:

[...] reestruturação produtiva da agropecuária, dos investimentos de capitais locais e estatais para o crescimento da agroindústria, do processo de (des)concentração de unidades de produção e suas cadeias correlatas, bem como da inserção dessas atividades produtivas nas dinâmicas econômicas internacionais, incorporando padrões de produção e consumo globalizados (p. 184).

Os fatores supracitados tornam Chapecó, e por consequência sua região de influência, um destaque econômico no setor de produção e exportação de produtos alimentícios industrializados e de origem animal. Quando uma cidade apresenta um crescimento na economia, tende-se a vir acompanhado de um crescimento populacional (Motta e Mata, 2008), como podemos analisar na tabela a seguir:

3.1.1.4.1 Tabela 1 – Evolução da população do município de Chapecó/SC (1940-2022)

Ano	População total	População Urbana		População rural	
		Absoluta	%	Absoluta	%
1940	44.327	4.128	9,31	40.199	90,69
1950	96.604	9.736	10,08	86.868	89,92
1960	52.089	10.939	21,00	41.150	79,00
1970	50.117	20.591	41,09	29.526	58,91
1980	83.772	55.226	65,92	28.546	34,08
1991	123.050	96.751	78,63	26.299	21,37
2000	146.967	134.592	91,58	12.375	8,42
2010	183.530	168.113	91,60	15.417	8,40
2022	254.781	-	-	-	-

Fonte: IBGE (censo demográfico de 1940 – 2022).
Organização: autora (2024).

Apesar de a cidade aumentar a partir da década de 1950 com a abertura de frigoríficos e do comércio (Hass, Aldana e Badalotti, 2008), foi somente a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 1980 que a população passa a se concentrar no espaço urbano e, desde então, exibir uma diminuição expressiva na população do campo. A partir dos anos 2000, tanto a população rural quanto a população urbana se estabilizam.

Com o crescimento econômico proporcionado pelas práticas territoriais adotadas na região, começou-se a investir na cidade, em seu comércio e também nos espaços de sociabilidade.

Considerando os fatores apresentados sobre a região oeste e, em especial, a cidade de Chapecó, o cenário queer apresenta particularidades. A cidade foi fundada por uma população predominantemente conservadora e praticante da religião católica – apresentando em seus anos iniciais uma estrutura hegemônica dominante – que participou no projeto de desenvolvimento da região e construiu uma cidade de aparência pacífica e acolhedora (HASS, 2013). Mas, para Nalin (2023), apenas uma parcela é realmente aceita, pois:

[...] as corporeidades que são acolhidas não refletem a totalidade, sendo que a sociedade hegemônica chapecoense se torna em sua historicidade uma reguladora dos desejos e manifestações de gêneros que não sejam binários. [...] o modo como o lazer queer é espacializado nas ruas e o modo com que a ocupação da rua por corpos dissidentes se torna alvo de perseguição policial e social por parte daqueles que se

encontram em posições – econômicas e espaciais – mais elevadas que o público que frequentemente ocupa as ruas (p. 24).

Nos últimos anos, Chapecó tem sido palco de uma série de ataques legislativos direcionados à comunidade LGBTQIA+. São leis e projetos de leis criados com intenções discriminatórias. Pode-se citar aqui a lei n° 7.948, que proíbe pessoas transgênero de participarem de competições de esporte, o projeto de lei n° 274/23, que atribui o uso de banheiros de acordo com a definição biológica de sexo, o projeto de lei n° 83/2021 que proíbe o uso de linguagem neutra nas escolas, entre outros. As pautas que são tratadas de forma extremista pelo poder público e hegemônico reflete o caráter conservador e religioso com que a cidade foi fundada e continua sendo conduzida.

Antunes (2009, p. 46) coloca que “o plano urbanístico de Chapecó, embora contemple um uso igualitário do espaço público, não impede que exista na cidade, ao mesmo tempo, um movimento permanente de exclusão e inclusão”. Apesar de que a sociabilização não precisa ocorrer em um espaço específico, Chapecó disponibiliza poucos espaços públicos para o exercício da sociabilidade e isto acaba criando uma inclinação para que sua população escolha atividades ligadas ao consumo para se reunir (Keschner, 2017).

Esta inclinação também ocorre para a comunidade LGBTQIA+ chapecoense, pois, como discorre Nalin (2023, p. 26), “os espaços onde os corpos queers são acolhidos atualmente em Chapecó se referem muito mais a ambientes privados, onde a performatividade tem a possibilidade de ser expressada sem que haja medo – ou, ao menos, que seja intimamente reduzido”.

Apesar das características hegemônicas apresentadas, Chapecó, como cidade média, é a única cidade da região que oferece espaços de sociabilidade para a comunidade LGBTQIA+.

3.2 ESPAÇOS DE LAZER NOTURNO LGBTQIA+ EM CHAPECÓ

Uma vez que Chapecó prioriza e fomenta o desenvolvimento econômico do agronegócio e das indústrias, há a difusão de uma ideia de que esta cidade só pode ser utilizada para o trabalho. A partir disso, as outras formas de ocupação dos espaços não são tão bem vistas ou incentivadas, independentemente de se tratar de espaços públicos ou privados. Essa mentalidade se intensifica quando são corpos marginalizados que tentam ocupar esses espaços, públicos e privados, na tentativa de proporcionar-se seu próprio lazer. Silva, Ornat e Lee (2021, p. 63) nos trazem que:

a acessibilidade à vida noturna não depende apenas da disponibilidade ou não de infraestrutura de mobilidade, mas ela também se define pelos padrões que são

aceitáveis ou não nos estabelecimentos, envolvendo as diferenças de classe, sexualidade, cor da pele, gênero, idade, e assim por diante.

Esses corpos compõem grupos sociais que são discriminados por questões raciais, de classe social, gênero e/ou sexualidade. Ou seja, são corpos que não se enquadram no padrão heteronormativo, que determina a compreensão das dinâmicas socioespaciais, são considerados “abjetos”, conforme expressão utilizada por Judith Butler na entrevista feita por Prins e Meijer (2002, p. 161) em que a autora trata dos corpos, “cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante’”. Para Silva e Ornat (2010, p. 86), “o fato de a existência de seres humanos ocorrer através de corpos considerados abjetos não quer dizer que não possuam uma existência concreta, que suas histórias de vida e ações não façam parte do espaço urbano”.

Em Chapecó, existem lugares designados para o exercício da sociabilidade na vida noturna da cidade, tais como: baladas, casas noturnas, pubs, praças e parques, entre outros. A maior parte destes estabelecimentos se concentram nas principais ruas e avenidas da área central da cidade, o que gera uma grande atração de fluxos, como denomina Pereira, Turra Neto e Bernardes (2019). Para que estes lugares de socialização sejam ocupados, é exigido que seu público se encaixe dentro dos parâmetros pré-determinados pelo(s) responsável(is) dos espaços e estas delimitações existem tanto no âmbito público quanto no privado.

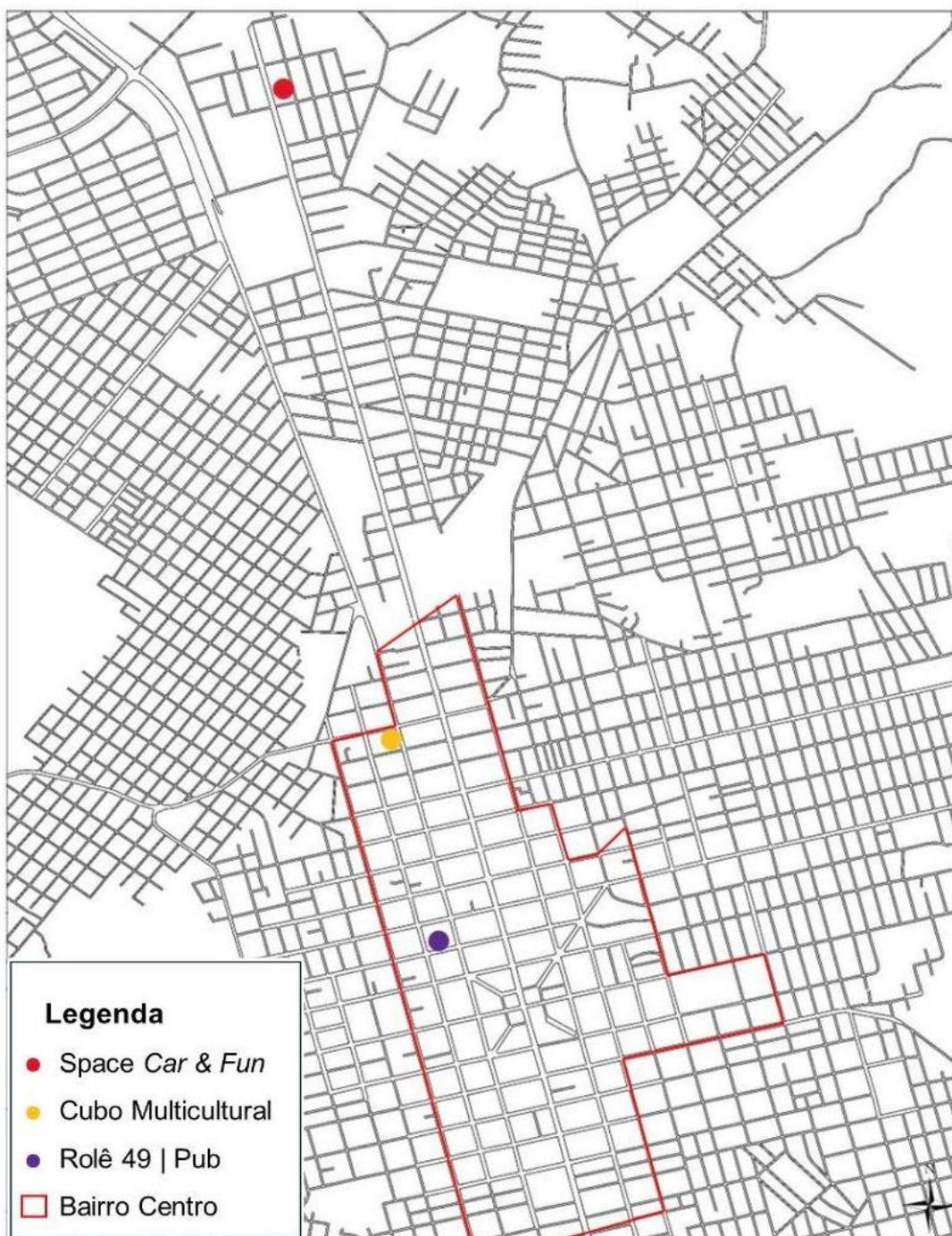
A aparência, maneira de se expressar – aqui se encaixam gírias, vestimentas, comportamentos – e poder de compra são alguns dos filtros sociais que influenciam a sociabilidade dos frequentadores e também a permissão do uso dos locais. Portanto, estes espaços possuem uma clara delimitação quanto ao tipo de público que escolhem acolher e em como permitirão o próprio acesso dessas pessoas aos lugares. E, como consequência destas limitações, as pessoas que não se sentem pertencentes a estes espaços criam novos lugares com a finalidade de abrigar outras práticas de sociabilidade.

Entre os vários espaços existentes para o lazer noturno chapecoense, podemos destacar três espaços privados que são conhecidos por serem utilizados majoritariamente pelo público jovem e LGBTQIA+ que estão em funcionamento até o presente momento. São eles: Cubo Multicultural, Rolê 49 e Space Car & Fun (mapa 6). Porém nem sempre foram apenas estes estabelecimentos, pois um dos primeiros espaços de lazer noturno destinados ao público LGBTQIA+ foi a casa noturna Yes Banana⁴, que voltou suas atividades exclusivamente para este público por volta do ano de 2010 até 2017, ano em que fechou o estabelecimento. Além

⁴ Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/noite/noticia/yes-banana-a-boate-gay-de-chapeco> Acesso em: 27 jul. 2024.

deste espaço, outros como “My Club, Panacéia, The Wall, Morrison, TNT e Lips Club” (Nalin, 2023, p. 238-39) também acolhiam e proporcionavam lazer para a comunidade LGBTQIA+ da cidade.

3.2.1.1 Mapa 6 – Localização dos espaços privados utilizados pelo público LGBTQIA+ em Chapecó

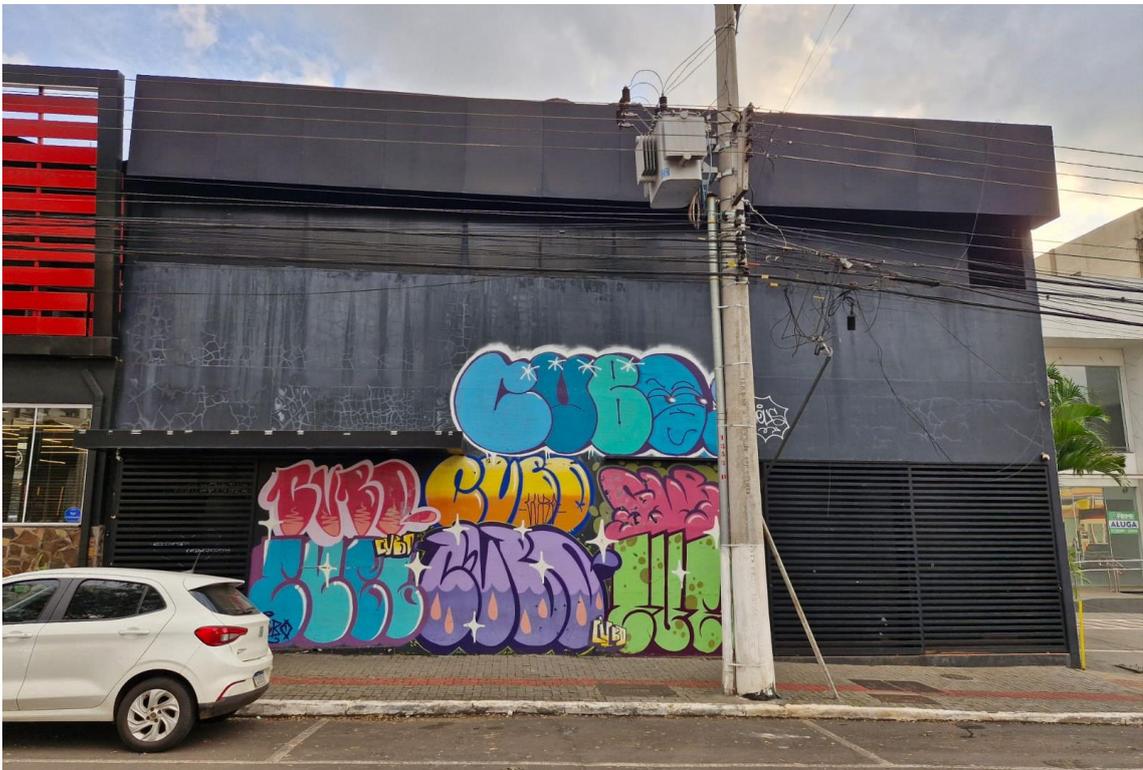


Fonte: IBGE (2022)

Elaboração: Bruna Zanetti (2024)

O espaço que possui uma maior relação com o público LGBTQIA+ é a Cubo Multicultural (Figura 1), que está localizada no centro da cidade, na Avenida Fernando Machado. A casa foi inaugurada em 2017 e se mantém no mesmo endereço desde então. Durante muitos anos, a Cubo abria tanto nas sextas quanto nos sábados à noite, porém, atualmente as festas são realizadas uma vez por semana e apenas aos sábados. Não era, no início, uma balada LGBTQ+, mas um espaço multicultural⁵, onde havia saraus, shows, teatro, entre outras atividades, que também atraíam esse público.

3.2.1.2 Figura 1 – Fachada da Cubo Multicultural



Fonte: Acervo pessoal

A Cubo é parceira da Parada LGBTQIA+ promovida pela UNA LGBT de Chapecó desde a sua segunda edição, sendo responsável por sediar a festa pós-evento, tocando músicas de gêneros musicais que são costumeiramente associados à comunidade LGBTQIA+ (pop, funk, drag music, kpop e entre outros ritmos). Mesmo durante os anos de pandemia da Covid-19, quando estivemos em *lockdown* em vários momentos a nível global por aproximadamente

⁵ Disponível em <https://www.chapeco.sc.gov.br/cultura/index.php?r=artista&idartista=1338> Acesso em: 23 jul. 2024.

2 anos, o estabelecimento permaneceu com sua parceria com o evento⁶, sendo que em 2020 a parada foi realizada de forma virtual⁷.

O Rolê 49 (Figura 2), inaugurado em 2022, também está localizado no centro da cidade. Inicialmente localizava-se na rua Rui Barbosa próximo à rua Quintino Bocaiúva e, após 6 meses, o estabelecimento transferiu-se para a rua Marechal Bormann, próximo à Avenida Fernando Machado. Nestes primeiros meses, o estabelecimento se caracterizava mais como um bar que como uma casa noturna, inclusive o horário de funcionamento era diferente – 18h até as 2h – e sua capacidade máxima era de 100 pessoas.

3.2.1.3 Figura 2 – Fachada do Rolê 49



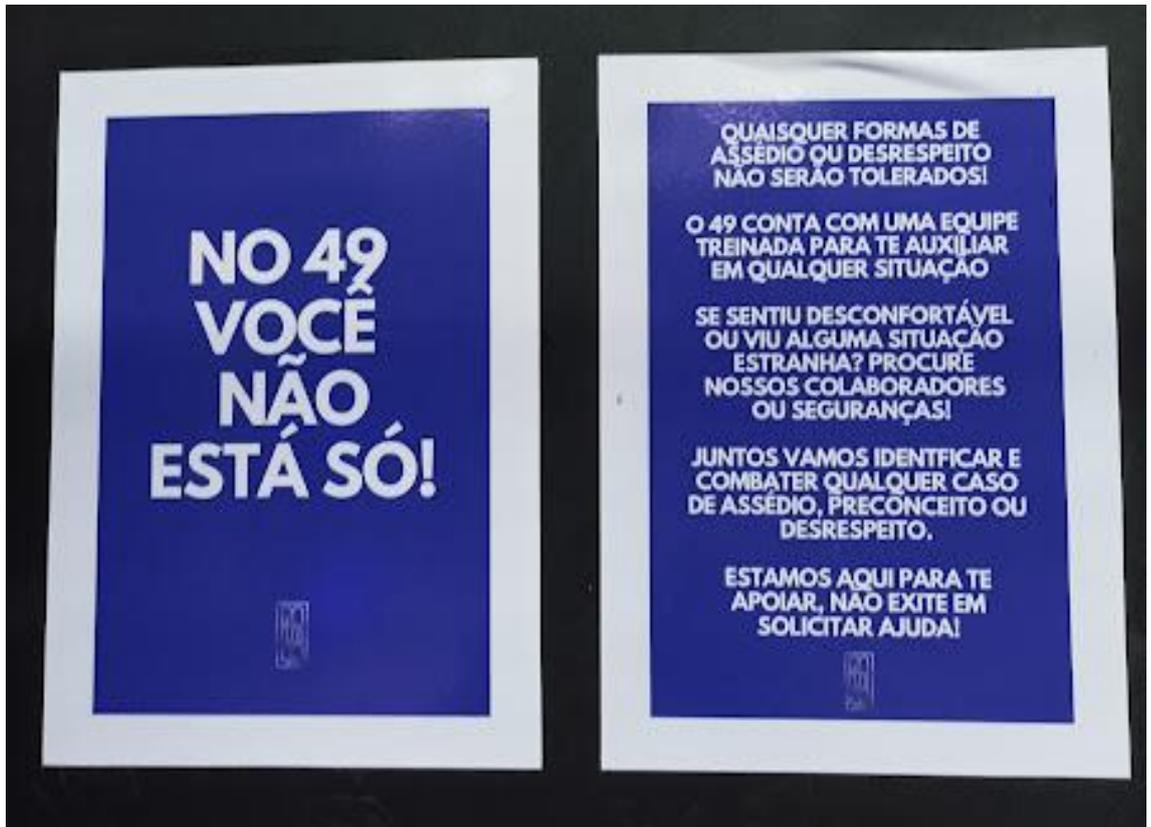
Fonte: Acervo pessoal.

⁶ Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=634774595343191&set=a.544719014348750&locale=pt_BR Acesso em 02 ago. 2024.

⁷ Disponível em https://www.facebook.com/photo/?fbid=2710995579005238&set=a.799621770142638&locale=pt_BR Acesso em 02 ago. 2024

O estabelecimento se define como um espaço para todas as tribos – foto da marquise na Figura 2 – , que preza pela segurança de seus frequentadores e que não compactua com nenhuma forma de assédio, discriminação ou preconceito (Figura 3).

3.2.1.4 Figura 3 – Aviso sobre as regras do estabelecimento



Fonte: Acervo pessoal.

A Space Car & Fun (Figura 4) foi inaugurada em 2020. Ao contrário dos outros dois estabelecimentos citados anteriormente, a Space está localizada no bairro Bom Retiro, próximo ao prolongamento da avenida Getúlio Vargas, após o Shopping Pátio Chapecó. A Space tem como função principal os serviços de lavagem de veículos, mas também possui licença para operar como bar, restaurante e comércio de bebidas.

3.2.1.5 Figura 4 – Fachada da Space Car & Fun



Fonte: imagem retirada da internet (Google Fotos)

Apesar de este estabelecimento não se autodeclarar como um espaço LGBTQIA+, ele propicia esporadicamente eventos como a festa da Parada LGBT e apresentações de Drag Queens do grupo Ocupa Drag⁸. Ao dar espaço para eventos culturais que celebram a existência LGBTQIA+, o estabelecimento abre espaço para que se crie um processo de identificação com este público, o que possibilita que o consumidor se reconheça neste espaço e retorne em outros momentos para consumir no local.

⁸ Disponível em <https://www.instagram.com/ocupadrag/> Acesso em: 23 jul. 2024

4 LAZER PRIVADO E LAZER PÚBLICO: A DEMANDA DE JOVENS LGBTQIA+ POR ESPAÇOS PRÓPRIOS PARA O SEU LAZER

Pode-se definir o lazer como “um conjunto de ocupações que o indivíduo pode se entregar de livre vontade, para repousar, divertir-se e entreter-se”, conforme entendem Fernandes e Becker (2016, p. 12). Portanto, segundo os autores, a atividade de lazer surge a partir do tempo livre, estando diretamente vinculada ao tempo destinado às relações de trabalho.

Silva, Ornat e Lee (2021, p. 61) comentam que “de um lado, o dia é compreendido como uma porção de tempo associada ao trabalho, ordenamento do espaço público, controle e a segurança e, de outro, a noite ligada ao descanso, ao espaço privado, às transgressões e ao perigo”. As práticas de lazer vêm se tornando cada vez mais diversificadas (Fernandes e Becker, 2016) e, atualmente, na sociedade capitalista em que vivemos, a oferta do lazer vem sendo privatizada, o que a torna uma mercadoria que conseqüentemente elitiza a sua prática (Nalin, 2023).

Em Chapecó, espaços públicos como praças e parques costumam estar fechados à noite e esta restrição faz com que a oferta do lazer noturno ocorra majoritariamente em espaços privados, como bares e casas noturnas, distribuídos pela avenida principal da cidade – Avenida Getúlio Vargas – e seu entorno. A maior parte destes estabelecimentos é voltada para o público heterocisnormativo, no entanto isso não significa que outros corpos não ocupam esses espaços. Mas, por ainda existir muito preconceito e mesmo práticas discriminatórias, estes estabelecimentos podem não ser seguros para as práticas de sociabilidade de corpos dissidentes. Quando não realizada nesses espaços privados, a rua se torna o lugar dessas práticas, onde a ocupação ocorre com maior diversidade.

4.1.1.1 Figura 5 – Jovens ocupando a rua



Fonte: Nalin (2023)

Por meio da figura acima, podemos observar a ocupação de uma das principais avenidas da cidade, a Avenida Fernando Machado, na área central. Os espaços utilizados para as atividades de sociabilidade, como a da imagem, são conhecidos como rolê de rua. E para Nalin (2023, p. 148) “a forma como os corpos são perseguidos ao ocuparem a cidade se expressa na hegemonia cis e branca, que persegue, sobretudo, pessoas atravessadas por marcadores simbólicos, de raça e de gênero, em sua maioria”.

Muitas vezes, na busca de espaços disponíveis para exercitar o seu lazer, por fazer parte da comunidade LGBTQIA+, a juventude chapecoense se depara com situações de violência e opressão, como a agressão ocorrida contra um jovem homossexual no ano de 2017, caso denunciado pela UNA:

NOTA DE REPÚDIO CONTRA AGRESSÕES HOMOFÓBICAS EM CHAPECÓ (SC) A União Nacional LGBT – Chapeco (UNA LGBT) vem a público DIVULGAR e REPUDIAR a brutal violência sofrida pelo jovem Eduardo Damasceno Woyndham, na madrugada do dia 20 de agosto de 2017, no centro de Chapecó, motivada por HOMOFÓBIA. Eduardo caminhava pela Avenida Getúlio Vargas, nas proximidades da casa de shows 14 Bis [casa noturna de público majoritariamente heterossexual], por volta das 3h45, quando ouviu dois homens o chamarem, afirmando que “viado tem que virar homem ou morrer”. Em seguida, esses mesmos homens o abordaram e, enquanto um deles o segurava, o outro lhe agrediu com chutes e socos e o ameaçou de morte. Eduardo, além de ter sido asfixiado pelos agressores, também foi machucado em diversas regiões do corpo. O ataque só terminou após 10 minutos, quando um casal que passava pelo local interviu e os agressores fugiram. Compreendemos que a violência sofrida se caracteriza como uma agressão com total característica de HOMOFÓBIA, motivada pela simples orientação sexual do outro. Diante disso, em nome da UNA LGBT Chapecó, prestamos nosso total apoio a Eduardo e sua família. Nosso entendimento é de que episódios dessa natureza não nascem ao acaso e podem ocorrer em qualquer lugar e contra qualquer sujeito com uma orientação sexual ou identidade de gênero diferente do padrão normativo. No país campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais, que registra um assassinato contra LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) a cada 25 horas, toda violência deve ser coibida e penalizada. Esperamos que os órgãos competentes não percam sua missão de investigar e punir, dentro da lei, os responsáveis por mais um ato violento e cruel. Também esperamos que todo o segmento reflita criticamente sobre o ocorrido e proponha soluções para que casos de discriminação em nosso município não ocorram mais. Entendemos, ainda, que é através da construção de um projeto de educação não heterossexista, não racista, laico, que nossa sociedade será modificada.

O movimento LGBT de Chapecó segue firme no enfrentamento de agressões e opressões existentes nos espaços da sociedade contra nossa comunidade. #SOMOSTODOSEDUARDO (UNA LGBT, 2017)⁹.

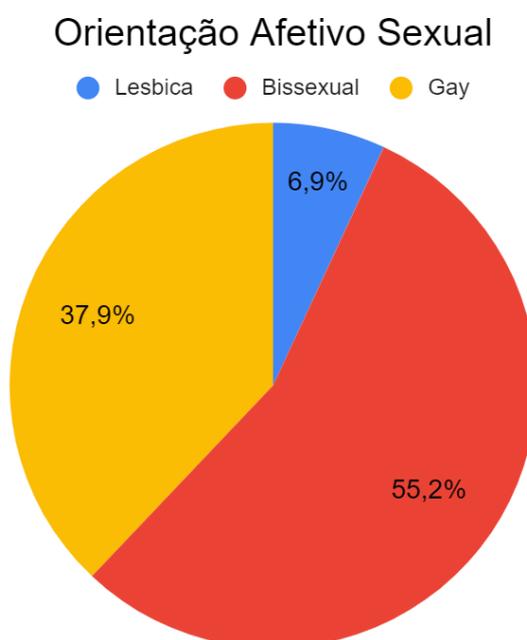
Como é relatado na nota, o caso de agressão ocorreu em via pública, próximo a uma casa noturna conhecida por ter um público predominantemente heterocisnormativo. Mas não é apenas em espaços públicos que as violências contra a comunidade LGBTQIA+ acontecem, mesmo pagando para frequentar estabelecimentos privados também podem se tornar espaços

⁹ Disponível em <https://www.facebook.com/unalgbtchapeco/photos/1225010127603798> Acesso em 02 ago. 2024.

perigosos para este grupo¹⁰. Acontecimentos como o relatado se tornam frequentes quando o indivíduo não se encaixa na estrutura heterocisnormativa e vale ressaltar que nem sempre as violências sofridas pela comunidade LGBTQIA+ são veiculadas pelas principais mídias da cidade ou mesmo registradas como LGBTfobia nos boletins de ocorrência da polícia.

No questionário realizado com 29 pessoas, 14 eram mulheres cisgênero, 14 homens cisgênero e 1 pessoa não binária, pertencentes à comunidade LGBTQIA+ (gráfico 1), com idades que variam entre 18 e mais de 30 anos (gráfico 2).

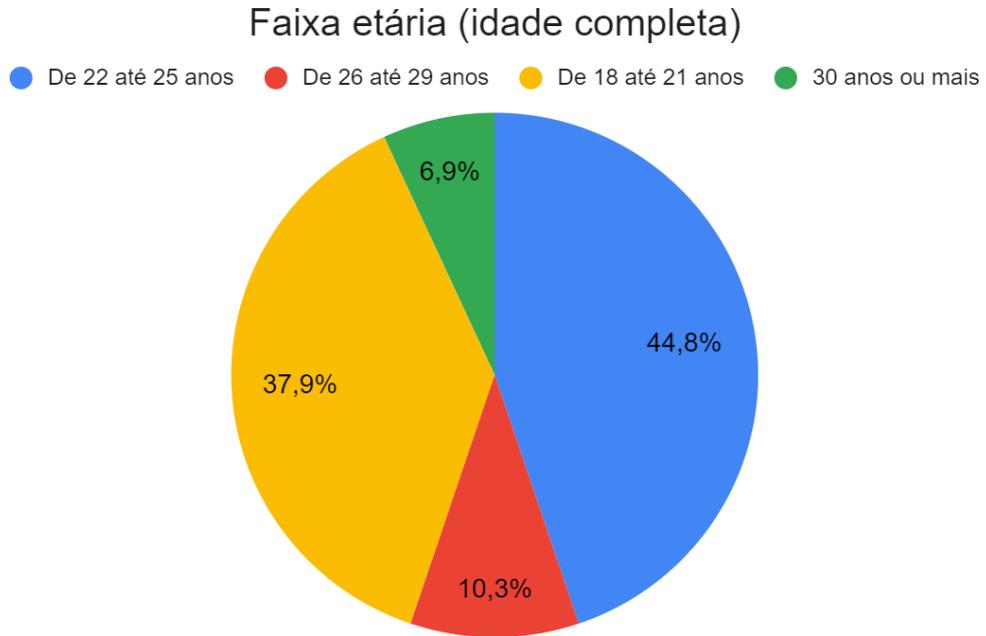
4.1.1.2 Gráfico 1 – Orientação afetivo-sexual



Fonte: autora (2024)

¹⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/casa-noturna-de-chapeco-registra-confusao-apos-beijo-gay-ato-homofobico-relata-proprietario.ghtml> Acesso em 02 ago. 2024.

4.1.1.3 Gráfico 2 – Faixa etária

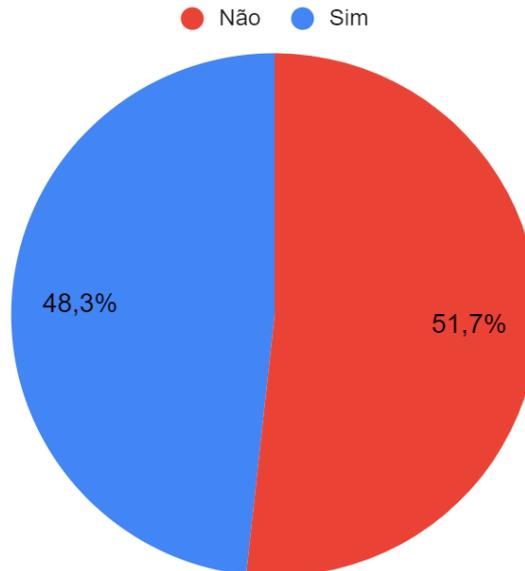


Fonte: autora (2024)

Buscamos entender, com o questionário aplicado, como os espaços de sociabilidade são construídos pela juventude LGBTQIA+ chapecoense. Como podemos ver pelo gráfico 3, do total dos participantes, 15 não utilizam espaços públicos à noite e, em contrapartida, 14 utilizam.

4.1.1.4 Gráfico 3 – Você utiliza espaços públicos para socializar à noite?

Você utiliza espaços públicos para socializar à noite?



Fonte: autora (2024)

Quando questionados, de forma aberta, sobre o que os leva, ou não, a frequentar espaços públicos, as respostas foram das mais variadas, como podemos ver a seguir:

A segurança. (Participante 3)

Não existem muitos espaços de interação social e cultural em Chapecó, principalmente à noite. (Participante 5)

Ser de graça, gastar menos com comida/bebida do que numa balada ou barzinho. (Participante 6)

Insegurança, falta de infraestrutura e promoção destes espaços como um lugar de lazer. (Participante 8)

Não acho de bom tom fazer algazarra e beber em espaços muito públicos tipo uma rua... (Participante 9)

Não me sinto seguro enquanto pessoa LGBTQA+ a frequentar espaços assim pelo alto nível de homofobia que vemos e sofremos em espaços abertos assim. (Participante 11)

Em geral, frequento as ruas e por falta de dinheiro para entrar em espaços privados. (Participante 16)

Falta de opção de ter para onde ir após certo horário da noite. (Participante 23)

Os espaços públicos noturnos são fechados ou a polícia não concorda com a utilização no período noturno. (Participante 29)

Podemos observar, por meio dos relatos dos participantes, que existem três posições em relação ao uso de espaços públicos. A primeira é que temos as pessoas que, por não terem interesse ou ainda o dinheiro para frequentarem espaços privados de sociabilidade, utilizam os espaços públicos como a rua para proporcionar seu momento de descontração. A segunda é de frequentadores de bares ou casas noturnas, que optam por permanecer nas vias públicas após os estabelecimentos fecharem para dar continuidade ao seu lazer. E a terceira é de pessoas que evitam frequentar estes espaços por não se sentirem seguras, principalmente à noite.

Quando questionados, de forma aberta, sobre se sentirem seguros em utilizar espaços públicos, 5 afirmam que se sentem seguros, 14 não se sentem seguros e os outros 10 variam em suas respostas:

Quando frequentava, geralmente me sentia segura, porém acho importante destacar que nunca estive sozinha nestes ambientes, sempre fui acompanhada de amigos. (Participante 1)

Depende do ambiente. (Participante 2)

Não são mais seguros. (Participante 3)

Às vezes. (Participante 4)

Geralmente sim, mas às vezes a agressividade da polícia com jovens nos espaços públicos faz eu me sentir menos segura. (Participante 6)

Dependendo muito do ambiente, mas normalmente não me sinto confortável, nem a vontade pra ser eu mesmo. (Participante 12)

Não muito, tenho que ficar mais na minha, então prefiro ficar em casa ou ir em lugares específicos. (Participante 14)

Depende da circunstância, se a movimentação do lugar está mais calma costumo me sentir seguro, mas raramente é o caso. (Participante 16)

Depende do horário, normalmente não. (Participante 23)

Sim, não. (Participante 24)

Por não ser considerada segura a utilização de espaços públicos e a performatividade de jovens LGBTQIA+ ser comprometida em espaços privados, nota-se que os conflitos vivenciados pela juventude queer chapecoense ao exercer a sua sociabilidade impactam diretamente na produção do espaço da cidade, uma vez que estes jovens buscam construir lugares onde sua existência seja celebrada e não marginalizada.

4.2 A CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS PRIVADOS PARA O LAZER NOTURNO LGBTQIA+

Para compreender as motivações por trás da criação desses empreendimentos, as dificuldades para mantê-los e os possíveis entraves impostos pelo poder público da cidade para a sua existência, já que são ambientes que possuem mais destaque para a comunidade queer e LGBTQIA+ na cidade, realizamos uma entrevista com os três proprietários do Rolê 49, que, desde novembro de 2023, também se tornaram proprietários da Cubo Multicultural.

Quando perguntado aos proprietários o que os levou a criar o estabelecimento, eles respondem que:

(...) a gente frequentava esses barzinhos pro público LGBT e pro público universitário, mas a gente via que faltava qualidade, faltava estrutura nos bares, mas faltava um amparo. (J)

Isso é o que a gente sempre fala, tipo, faltava alguém que acolhesse toda essa galera, né? E a parte de estrutura também, né? Porque são festas boas, a gente até hoje vai, a gente gosta, é parceiro dessas festas, né? (...) (R)

Mas falta estrutura, faltava uma cadeira mais confortável, faltava, sabe, tipo, uma luz melhor, um som melhor, e aí a nossa proposta veio em cima disso, que era pra ter um local pra essa galera, um local acessível, mas que também desse um confortinho, que também desse uma... nem que seja uma poltrona, sabe, pro cara sentar. (J)

Quando a gente entrou de sócio, que foi quando a gente fez a mudança, e aí começou a tornar essa identidade de barzinho virando balada, a gente tinha que seguir quem era grande. Tinha que seguir quem tinha história. Que dá sucesso, né? Isso. E a gente começou a seguir e se orientar muito pela Cubo. Só que, lógico que se orientando, se seguindo pela Cubo, mas nunca confrontando ela diretamente. Então, tentando pegar as situações, coisas que a galera falava e tentando melhorar. Tipo, tentando vir com a nossa identidade, com o nosso jeito e tentando melhorar algumas coisinhas que o pessoal comentava. (R)

Sempre em cima de feedback, né? (E)

Isso, sempre em cima de feedback. (R)

E mais acessível também, né? (J)

Isso, e mais acessível também. (R)

O importante é sempre ser acessível financeiramente para a galera e essa questão da galera se sentir bem, né? A segurança, respeito. (J)

Em seguida, comenta-se sobre as dificuldades existentes na abertura, funcionamento e recepção da sociedade com o espaço. Os entrevistados disseram que todas as documentações foram dificultadas tanto para a inauguração tanto para a mudança, que a sociedade chapecoense

não aceita o espaço, inclusive denunciando para as autoridades que era um lugar que atendia LGBTQIA+:

Quando a gente se mudou, a gente teve muito incômodo com questão de alvará e muitas perseguições, a gente chama por assim dizer, né? Por trabalhar com um público mais LGBT, a gente sentiu que foi tudo dificultado. (E)

É, então, a gente não vai entrar em detalhes, mas assim, oh, são coisas que, se tu para pra pensar e analisar, é, tipo assim, oh, eh. Não tem nexo algum, nexo. (R)

Vocês não percebem essa dificuldade com outros bares?

Tanto que a gente vê muito bar abrindo, muito bar tendo alvará fácil, toda essa parte muito facilitada, o que pra nós foi totalmente demorado. (E)

Eu acho que nesse quesito é até importante que a gente entre em alguns detalhes, sabe? (...) A gente teve denúncias sobre o público. (J)

É. Muitas vezes. Não sobre... Não sobre o estabelecimento. É, a denúncia não era que (...) tá saindo som... (R e J)

Era sobre quem frequentava?

Isso. (E, J, R)

Isso lá e aqui?

Aqui principalmente. É que lá foi pouco tempo. E aqui a gente teve denúncias que a gente teve que responder à polícia civil. A polícia civil veio até aqui e, tipo, explicou pra nós que só tinha que vir. (J)

Sim, eles têm que cumprir o papel, né?

Mas eles olharam aquela denúncia, mostraram a denúncia pra nós e falaram: isso é ridículo, isso é absurdo. Esse tipo de denúncia em cima de vocês, entendeu? Que era focado no público. (R e J)

Vale destacar que primeiramente a casa noturna foi idealizada como um espaço “exclusivamente” LGBTQIA+, porém com o aumento do ‘público S’¹¹, as estratégias foram mudando e hoje em dia o Rolê 49 se denomina como espaço diverso, que acolhe todas as tribos.

Com a diversificação do espaço, a preocupação dos donos quanto à integridade física e moral dos clientes aumentou. O estabelecimento tem uma campanha muito forte contra o assédio, tendo orientações definidas para colaboradores e até amigos sobre como agir quando

¹¹ Os proprietários definem ‘público S’ como uma “galera vem por ser amigo do LGBT, entra, gosta e fica”.

se deparam com essa situação. Subsequente a isso, foi comentado o motivo de a casa se localizar no centro:

Acho que um pouco entra na parte ali de que o nosso público tem que estar no centro também, não tem que estar sempre escondido, que era uma visão que se tinha antigamente, que o público LGBT tinha que estar mais retirado, mais escondido. (...) A gente tem que ter espaço no centro também. E acho que também por questão de localização, logística para tudo, desde para receber um pedido de bebida, por exemplo, até para receber o próprio público, a gente tem aqui na rua de cima vários pontos de lotação [transporte coletivo], tem tudo que conversa para ser nesse ponto aqui. (E)

Ao responder a esta questão, também foi dito que estabelecimentos como a Cubo Multicultural abriram as portas do centro para esse público, porque “antes do Cubo tinham outras baladas LGBT em Chapecó, mas elas tinham que estar escondidas, tinham que estar escondidas por causa de represália, por causa da galera na porta, tentando agredir esse público”. Os proprietários ainda comentam sobre como foi o processo de alugar o espaço onde eles se localizam atualmente:

E um ponto importante disso, da locação, que perguntou antes das dificuldades que a gente teve, né? O antigo bar, o antigo 49, quando ele começou, por as pessoas ainda não associarem ele a esse público, ele foi tranquilíssimo pra alugar. Foi extremamente fácil. A partir do momento que a gente buscou uma outra sala e aí a gente já estava com esse público, já tinha essa bandeira, foi extremamente difícil conseguir alugar. (E)

A gente olhava para o lugar e dizia, vamos fechar esse. Mandava mensagem, dava três dias para dar um retorno e eles diziam que não dava três dias para dar um retorno e diziam que não dava. (J)

Após isso, foi comentado sobre a cidade ser de direita, o poder público chapecoense parece ser mais rígido com espaços não heteronormativos, pois outras casas noturnas não têm a mesma fiscalização de horário¹².

Ao falarem sobre a relevância do seu estabelecimento para a socialização de grupos de jovens LGBT+ na cidade de Chapecó, os proprietários destacam:

Representatividade. É o nosso maior... como é que eu posso dizer? Bandeira. É a nossa bandeira, basicamente. A representatividade é a gente que ajuda a fazer acontecer uma parada LGBT em Chapecó. Sem contar em todas as outras campanhas que são feitas, que a gente nem

¹² Decreto n° 43.293 de 14 de julho de 2022 que tem por objetivo restringir os horários de funcionamento para atividades de bar, casas de shows entre outros. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/c/chapeco/decreto/2022/4330/43293/decreto-n-43293-2022-determina-a-observancia-de-horarios-de-funcionamento-para-bares-casas-de-shows-e-congeneres-situados-nos-logradouros-da-area-urbana-central-do-municipio-de-chapeco-e-da-outras-providencias> Acesso em 4 ago. 2024.

sempre divulga, mas que o 49 está ali por trás apoiando, o público está ali por trás apoiando. Eu acho que mais voltado para isso, né? (R)

Não só, porque aqui no 49 a gente também tem um papel importante comentando as atléticas. Principalmente as da Universidade Federal, é um negócio que ainda não é tão específico para o público LGBT, mas é um público jovem, né, e também ajuda, principalmente com a universidade federal, ter esses ambientes onde a galera vem socializar, onde a galera, essas atléticas, que a galera se sente mais parte da universidade, mais parte do curso, é importante para a permanência estudantil. Tem uma galera que por estar mal acolhida, por estar dentro do curso, acaba não indo embora, acaba não trancando o curso. E é um pouco por isso que a gente fomenta os atléticos também, né? (J)

Eu acho que é importante também a questão do seguinte, o público, esse pessoal tem muito papel. Só que, tipo assim, se não tiver um lugar para eles irem, um lugar onde eles sintam que têm um apoio, um suporte ali, o público que agora vai se esconder, não vai sair, vai ficar em casa. Então se tiver um lugar ali, que tá ali firme, forte, com um suporte, dando uma base e tudo pro pessoal, todo mundo começa a aparecer, então por isso que eu digo muito da representatividade. (R)

Um dos proprietários ainda traz um dado de que “o público universitário, o público jovem, em Chapecó, é em média de 15% a 25% da população que tem hoje. E Chapecó está crescendo muito em função disso e conseqüentemente o público LGBT está junto nesse meio. De 15 a 25%, sei lá, 5, 10% desse público ou até mais é um público LGBT.”¹³

Ao perguntar sobre suas percepções sobre os avanços nos últimos 10 anos em relação à aceitação da comunidade LGBTQIA+, os donos comentam:

É bem nítido que houve esse avanço, (...) a Cubo começou sendo um ambiente que era literalmente um espaço preto [de pintura preta] no meio da cidade, onde ninguém sabia o que acontecia ali, justamente era escondido, hoje você sabe que a Cubo é ali, mas quando ela iniciou, o público LGBT sabia que era ali a Cubo, mas o público externo não sabia o que era ali. Tanto que não tinha uma fachada, não tinha algo escrito que ali era a Cubo, entendeu? Quem precisava saber sabia, mas quem não precisava saber não sabia justamente pra não acontecer essas represálias, né? (E)

Que antigamente era bem mais comum. Dá pra ver a mudança principalmente pelas casas, entendeu? Porque há 10 anos atrás a gente frequentava o Yes Banana (...) Era um estabelecimento pra esse público em Chapecó, mas ele era totalmente marginalizado, então ele ficava lá perto da Bigolin escondido, mesmo assim a galera tinha que correr pra ir pra casa porque era um caos. (J)

Durante a semana, aquele lugar era uma zona [de prostituição]. No final de semana o proprietário alugava para fazer a festa de Yes

¹³ Segundo o proprietário que compartilhou essa informação, estes dados referentes à população jovem de Chapecó foram apresentados em uma palestra realizada pelo prefeito da cidade, João Rodrigues.

Banana. (...) A gente tava lá junto com... do outro lado da rua ali que é a Cracolândia de Chapecó. A gente tava marginalizado. Era bem terrível ali. Mas era a única opção, tinha que ir ali. (J e R)

E aí depois que o Cubo começou, que o Cubo trouxe pro centro, veio pro centro, aos poucos foi mudando a imagem, entendeu? Aos poucos a galera foi vendo que não é bem isso, que a galera não vai sair fazendo sexo na rua, como falaram aqui pra nós (...) julgou que ia ter sexo na rua, que ia ter droga na rua. (J)

Portanto, por mais que existam avanços, inclusive o fato de existir espaços próprios para esse público no centro de Chapecó, ainda existe uma visão muito preconceituosa sobre a existência desses espaços e de quem os frequenta. E, apesar de relatarem que não enfrentam problemas com a vizinhança do estabelecimento, em relação ao poder público os proprietários comentam que existe uma “demora nos processos, isso a gente percebe que para nós os processos demoram mais do que pra outros”.

Na parte final da entrevista, foi comentado sobre a Yes Banana que, ao mesmo tempo que abriu portas para espaços LGBTQIA+ em Chapecó, também fechou outras, pois “eles também fizeram uma caracterização do público meio errada, mas é que, nessa época, a gente só conseguia se encontrar lá pra isso”.

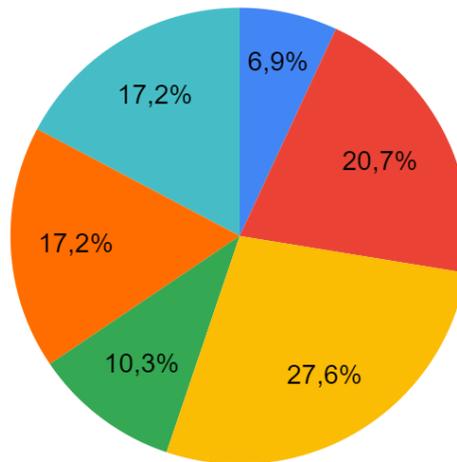
4.3 AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DO LAZER NOTURNO DA JUVENTUDE LGBTQIA+

No questionário realizado com os 29 participantes citados anteriormente, trouxemos questões para entender melhor como os frequentadores e não frequentadores percebem os espaços privados de lazer noturno. A partir do gráfico 4, podemos perceber que existe uma boa distribuição da frequência de uso destes espaços.

4.3.1.1 Gráfico 4 – Frequência de uso dos espaços privados de lazer e socialização

Costuma sair à noite para frequentar espaços privados de lazer e socialização? Se sim, com que frequência?

● Não frequento ● Quinzenalmente ● Mensalmente ● Raramente
● Mais de uma vez por semana ● Uma vez por semana



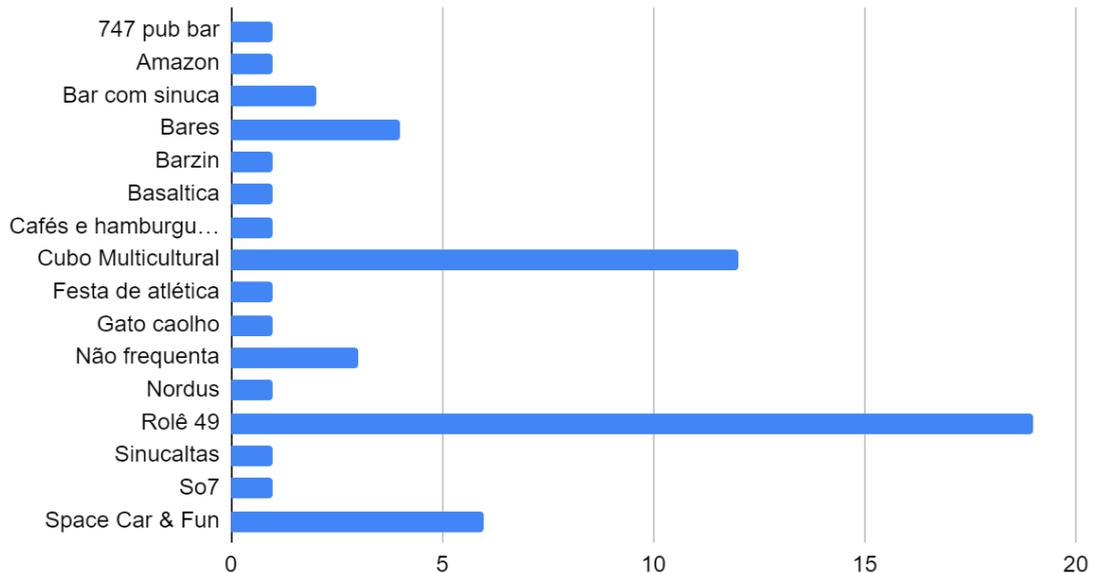
Fonte: autora (2024)

Entre todos os participantes, apenas 6,9% não utilizam espaços de lazer noturno privado para exercer a sua sociabilidade enquanto os outros 93,1% utilizam, mas com diferentes regularidades.

Os espaços utilizados por eles são diversos, como podemos ver no gráfico 5:

4.3.1.2 Gráfico 5 – Estabelecimentos frequentados

Quais destes espaços você utiliza para socialização?



Fonte: autora (2024)

Aqui, nota-se que apesar de haver frequência majoritária dos espaços voltados para a comunidade LGBTQIA+, as pessoas ainda fazem uso de outros espaços, e quando perguntadas de maneira aberta sobre o que as faziam frequentarem estes estabelecimentos, as respostas foram as seguintes:

As festas. (Participante 3)

Falta de opção. (Participante 5)

São lugares que meus amigos frequentam, com pessoas tranquilas e dificilmente ocorrem brigas como em outros espaços da cidade. (Participante 6)

Música, companhias e o público. (Participante 7)

Proximidade da minha residência e público majoritariamente LGBTQ+. (Participante 8)

O espaço, por gostar de festa e música. (Participante 9)

Por ser um lugar que eu me sinto bem e acolhida. Além de ser um ótimo espaço e com música boa. (Participante 10)

São espaços frequentados principalmente por pessoas LGBT e isso pra mim torna o ambiente mais confortável e me sinto mais livre de julgamentos. (Participante 12)

O desconforto de estar num lugar hétero e não ser bem vindo, um olhar de julgamento e sensação de insegurança. (Participante 14)

A segurança e o sentimento de acolhimento. (Participante 15)

O público que frequenta. (Participante 16)

São lugares não muito caros e acolhedores para minha pessoa. (Participante 18)

Dançar, beber, socializar. (Participante 19)

Amigos e passatempo. (Participante 21)

Ser um ponto de referência da comunidade, onde me sinto mais acolhido e posso baixar a guarda para os preconceitos que sofreria na rua ou em outros espaços heteronormativos. (Participante 22)

Querer socializar com a minha comunidade em um espaço seguro (Participante 23)

Infelizmente, Chapecó não possui uma vasta seleção de espaços que sejam minimamente “LGBTQ friendly”. (Participante 24)

Gosto das pessoas que frequentam. (Participante 25)

É um local que nos acolhe e acaba atraindo o público LGBTQIA+ (Participante 26)

Amigos. (Participante 28)

Pensando na possibilidade de uma parcela dos participantes não frequentarem os estabelecimentos voltados à comunidade LGBTQIA+ Cubo Multicultural, Rolê 49 e Space Car & Fun, inserimos uma pergunta sobre o porquê de os participantes não frequentarem estes espaços. Três responderam que é por opção e as demais e as respostas foram as seguintes:

Apenas por opção, não me identifico com esse tipo de lazer. (Participante 1)

Nunca tive o costume, mas talvez com amigos eu frequentasse. (Participante 2)

Prefiro frequentar espaços com entrada franca. (Participante 13)

As pessoas que frequentam esses lugares normalmente me deixam desconfortável. (Participante 17)

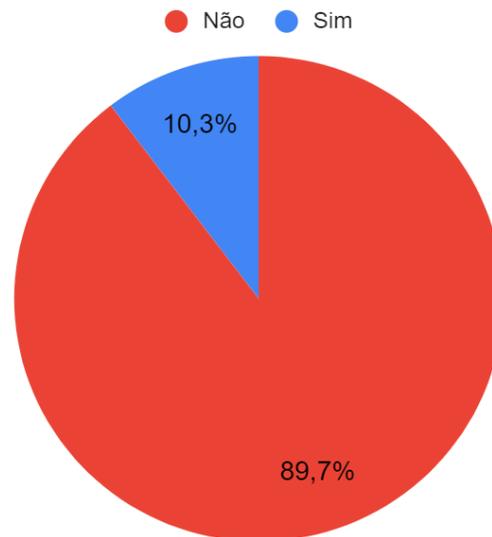
É sempre o mesmo, as pessoas são as mesmas, as músicas são as mesmas, pouca coisa muda além da temática, isso enjoa depois de um tempo. (Participante 21)

Nenhum dos espaços citados têm um ambiente que eu considero agradável (Participante 29)

Ao avaliar se há uma boa quantidade de espaços que promovem a socialização de jovens na cidade, tivemos um ‘não’ como resposta da maioria dos participantes, como podemos ver no gráfico 6.

4.3.1.3 Gráfico 6 – Existe uma boa quantidade de espaços que promovem a socialização de jovens em Chapecó?

Na sua opinião, existe uma boa quantidade de espaços que promovem a socialização de jovens em Chapecó?



Fonte: autora (2024)

Para finalizar a análise dos questionários, inserimos uma última pergunta que busca compreender a percepção que os participantes possuem sobre a relação que o poder público da cidade mantém com a juventude chapecoense, em especial a juventude LGBTQIA+, e se eles se sentem contemplados por ações ou política direcionadas. Por ser uma pergunta aberta, 9 de 29 participantes não responderam, enquanto os demais compartilharam suas visões sobre o assunto:

De forma geral, não sinto que a comunidade LGBTQIA+ seja contemplada, ou ao menos seja o público específico de nenhuma política pública do município. Ao se tratar de espaços e iniciativas para o lazer, o pouco que temos é proveniente da iniciativa privada. Sinto, inclusive, que a população e o poder público municipal é bastante hostil com a comunidade e com os poucos espaços de lazer que temos. (Participante 1)

No momento atual, no município não me sinto contemplado por nenhuma política pública. (Participante 3)

O poder público lida com a juventude com descaso, sem dúvidas. Para a juventude LGBTQIA+ as coisas são até piores, basta analisar o prefeito da nossa cidade. Existem políticas específicas de inclusão e combate à discriminação, mas a eficácia e abrangência dessas políticas podem variar, e muitas vezes são insuficientes. Sentir-se contemplado depende da percepção individual sobre a implementação e efetividade dessas ações, mas acredito que, assim como eu, 99.9% não se sente contemplado nas políticas públicas de Chapecó. (Participante 4)

O público jovem de Chapecó não recebe tanta atenção, o público LGBTQIA+ menos ainda. (Participante 5)

Os jovens LGBTQIA+ chapecoenses são bastante esquecidos e reprimidos, a gente tem dificuldade de encontrar um espaço em que a polícia não vai chegar com as armas pra fora da viatura e/ou jogando spray de pimenta e nos mandando embora, seja em casas de amigos ou em espaços públicos. Também há lugares que deveriam ter maior fiscalização e não tem por se tratarem de bares mais elitizados do que os frequentados pela população LGBTQIA+ e não “ferirem a moral do cidadão de bem”, mas que todo fim de festa há uma briga. (Participante 6)

Na cidade em que a gente mora (Chapecó/SC) ainda é um lugar onde muitas pessoas são conservadoras, onde tudo que o jovem quer fazer é barrado ou julgado de maneira errada. Uma cidade que se desenvolveu tanto fisicamente, mas ainda abrange pessoas com uma mente muito fechada e preconceituosa. (Participante 7)

O poder público ignora a juventude e ataca os espaços de socialização, considerando que já atualmente tentam fechar uma das poucas pistas de skate restantes na cidade. A indiferença é ainda maior, haja vista o governo de direita que domina as políticas da cidade. Não me sinto representado ou sequer como público das políticas elaboradas. (Participante 8)

Acredito que essas políticas surgem do próprio meio, mas que não atingem majoritariamente todas as pessoas por conta das pessoas LGBTQIA+ ainda não terem voz, pois a grande maioria das pessoas heterossexuais com voz ativa não nos contemplam da forma necessária, e quando contemplam é sempre com discursos genéricos que não nos ajudam a sermos reconhecidos e termos nossos espaços valorizados. (Participante 9)

Em termos gerais não. É difícil essa discussão pois pedir direitos iguais muitas vezes é interpretado como pedir privilégios, mas ainda há um certo desdém em relação a comunidade, principalmente quando diz respeito ao héteros. Por mais que existam “políticas de proteção”, muitas vezes o preconceito existe em ambientes que não podem ser

vistos, como por exemplo dentro de casa ou no mercado de trabalho. As políticas de proteção em espaços abertos, são muitos fracas. Um exemplo disso é o medo que os próprios LGBT têm da polícia. Alguém que deveria os proteger, mas devido a acontecimentos de muito tempo, discriminação causam medo. (Participante 12)

Em Chapecó, o poder público faz questão de retirar ou restringir espaços para o público de jovens adultos. Com a juventude LGBTQIA+ a situação é ainda pior, pois o poder público desde sempre inviabiliza nossa população. (Participante 13)

Na verdade o poder público ainda julga, menospreza e existe muito preconceito referente à população LGBTQIA+, até mesmo os políticos de Chapecó estão tentando acabar com um dos principais eventos (movimento) dos LGBTQIA+ em Chapecó, que é a parada LGBT que acontece na praça no centro da cidade, estão tentando terminar com esse movimento, assim vindo um ato de censura a nós que pertencemos a esse grupo que é tão reprimido e atacado nas ruas, escolas e locais públicos onde qualquer outra pessoa por si só anda ou convive. (Participante 14)

Nenhum pouco, apenas vejo retrocesso. (Participante 16)

Tanto o legislativo quanto o executivo desta cidade fazem questão de marginalizar a juventude que não possui condições de frequentar os barzinhos e baladas heterocisnormativos caríssimos. Faz questão também de marginalizar e tentar criminalizar a população LGBTQIA+. Faltam políticas públicas, falta vontade de escutar essa parcela da população que procura sim diálogo com o poder público através das juventudes organizadas e da UNA LGBT, falta respeito e dignidade para nossa população. Essa velha política de coronéis já não cabe mais nesse município e precisa ser combatida o quanto antes. (Participante 18)

Como mulher cisgênero, me sinto contemplada em pouquíssimos pontos, porém, como amiga de pessoas trans, é nítido o descaso do poder público, que ao invés de promover políticas públicas de inclusão, incentiva políticas de segregação. Ademais, o descaso com a juventude num geral, que se vê à mercê do medo de levar um "enquadro" enquanto ocupa espaços públicos porque, pela visão preconceituosa de parte da população, estão fomentando a criminalidade, leva estes mesmos jovens a ficar sem escolha, tendo obrigatoriamente que escolher entre gastar o dinheiro que muitas vezes não possuem para poder desfrutar de espaços privados, ou então, ficar em casa, sem acesso ao lazer. (Participante 19)

Há uma discriminação enorme por parte das forças policiais (que sua maioria é de direita) sob os jovens que fazer a utilização de espaços públicos, e não existe essa mesma lógica quando se trata de pessoas heterossexuais. Há ainda um retrocesso nas políticas públicas de Chapecó quando se trata da comunidade LGBTQIA+, e isso deve ser tratado com mais afinco pois a raiz do problema que eles jogam no

nosso peito vem muito mais da parte deles do que da comunidade. (Participante 21)

Sinto que apenas dão migalhas como resposta e fingem que se importam, para e com a comunidade LGBTQIA+ acaba sendo mais nítido esse descaso. (Participante 22)

Creio que na cidade sejamos vistos de forma muito marginalizada, as ações policiais e de moradores contra nossa comunidade dentro dos "espaços de convívio" que conquistamos, como o falecido rolê do Altas e afins chegaram a ser tantas que já era comum a polícia fazer rondas frequentes por esses locais, mandando o pessoal ir para casa... Não somos respeitados pelo público em geral e mais e mais eles têm nos empurrado para as beiras da cidade, nos tirando do centro e do foco. (Participante 23)

O poder público tende a ver os jovens como um investimento para o mercado de trabalho, formação de família tradicional é isso o que esperam dos jovens, as pessoas ainda estão presas ao passado e quem dita as regras é a sociedade onde a maioria comanda o poder público, logo, os jovens são apenas uma peça desse grande tabuleiro. Com a juventude LGBTQIA+, as coisas já se afunilam ainda mais para que permaneçam "escondidos", os espaços públicos acabam sendo muito pressionados para que esteja tudo em ordem, caso contrário terá o ambiente fechado. É uma luta constante, percebe-se isso quando ocorre a parada LGBTQIA+, onde o poder público começa a impor regras e limites para tentar impedir o avanço nessa grande causa. Sim, há políticas específicas, mas ainda assim não nos fornece tanta segurança, já que o nosso público acaba sendo alvo de violência no país, principalmente pessoas transsexuais quem sofrem o dobro de preconceito, o nosso país era pra ser um estado laico, mas acaba sendo muito mais um país cristão e por conta disso à repreensão com a nossa luta é muito maior, mas continuaremos resistindo. (Participante 26)

Muitas questões... Depende de qual juventude, a juventude mais abastada o poder público lida muito bem, até demais. Já a juventude de periferia não tem onde fazer os rolês que muitas vezes é preferível ficar na rua, mas mesmo assim logo chega o poder público com suas fardas reprimindo a galera, que vejo que está cada vez mais indo para a periferia. O centro da cidade não é construído para a juventude periférica. Com a juventude LGBTQIA+ cada vez mais são feitas leis para criminalizar essa juventude, como a dos banheiros ou a dos esportes. Eu não me sinto contemplada com nenhuma política na cidade de Chapecó, nem para a juventude, nem para as mulheres e muito menos para os LGBTQIA+. (Participante 28)

Em Chapecó faltam atividades para os jovens e adolescentes, tal qual o acesso à cultura é precário, esse público na cidade é invisível quando não violentado pelo poder público. (Participante 29)

Por meio destes relatos, podemos perceber o sentimento compartilhado de discriminação e invisibilização que existe em relação à população jovem e LGBTQIA+ por

parte do poder público chapecoense. Como citado por alguns participantes, quando a população LGBTQIA+ ocupa a rua para exercer a sua sociabilidade, existe uma repressão praticada muitas vezes com truculência por parte da polícia. Essas práticas não ocorrem por acaso, pois, para Nalin (2023, p. 23), elas podem ser lidas como “formas de estabelecer uma eugenia na paisagem, homogeneizando-a e apagando os corpos que não venham a compor o que é pré-estabelecido como belo e normal”.

Portanto, a disposição de espaços de sociabilidade gratuitos para a juventude LGBTQIA+ é reprimida, fazendo com que estes corpos dissidentes saiam do centro da cidade caso queiram exercer o seu lazer em espaços públicos. Ou ainda condiciona a construção de espaços privados para que esta juventude se reúna em segurança para exercer a sua sociabilidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs a realizar uma análise da ocupação dos espaços por jovens LGBTQIA+ na vida noturna chapecoense a partir de duas casas noturnas, a Cubo Multicultural e o Rolê 49, pois ambas são voltadas para esse público e localizam-se no centro da cidade.

Utilizar um espaço na cidade deveria ocorrer sem maiores preocupações, mas nem sempre é assim quando não se faz parte da maioria. Dependendo dos recortes de raça, gênero e sexualidade, as dificuldades tendem a ser ainda maiores, especialmente para aqueles que não ocupam as camadas econômicas mais altas da sociedade.

Os conflitos vivenciados pela juventude LGBTQIA+ chapecoense culminam na busca de espaços descentralizados onde possam exercer a sua sociabilidade ou ainda na reclusão, pois muitas vezes deixar de participar de uma atividade de lazer significa estar longe do perigo. A necessidade da ampliação e diversificação de espaços de sociabilidade para a juventude e em especial a juventude LGBTQIA+ é notória.

A tendência de crescimento econômico e populacional de Chapecó nos mostra que se faz necessária a existência de espaços, sejam eles públicos ou privados, que acolham e respeitem os corpos não hegemônicos. Mas os resultados da pesquisa sugerem que a administração municipal deve mudar sua abordagem e perceber que a repressão não é a solução adequada para lidar com a juventude, em especial a juventude LGBTQIA+, mas sim atender às suas necessidades de espaço e governar para todos, e não apenas para os que possuem poder econômico e correspondem aos padrões heterocisnormativos.

Contudo, como podemos perceber através das respostas obtidas no questionário, cada indivíduo possui uma percepção a respeito da sua vivência a partir de suas experiências e do contexto em que se está inserido, o que faz com que, em uma mesma estrutura social, diferentes corpos tenham percepções, concepções e reações diferentes em relação a esta estrutura.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Isabelle Wermelinger Lemes. **GEOGRAFIA DE GÊNERO E GEOGRAFIA FEMINISTA NO BRASIL**: Uma questão de escolha epistemológica e visibilidade científica. In: CLACSO, 2018, Buenos Aires. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/conferencia2018/presentacion_ponencia.php?ponencia=201874165757-4942-pi.
- ALBA, Rosa Salette. **Espaço urbano**: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002.
- ALVES, Ana Carla Farias ; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza –CE –UECE –Itaperi. Disponível em: http://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf.
- ANTUNES, Camila Sissa. **Do passeio na avenida à balada no prolonga**: sociabilidade no espaço público. O caso da Avenida Getúlio Vargas, Chapecó (SC). 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- BRITTO, Natália Daniela Soares Sá; SPINELLI, Juçara; CATALÃO, Igor. **Explorações urbanas sobre o Programa Minha Casa Minha Vida em Chapecó**, SC. In: CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; MORENO REDÓN, Sergio. (Org.). O Programa Minha Casa Minha Vida e seus desdobramentos socioespaciais: os novos vetores da produção do espaço em cidades médias brasileiras. 1 ed. Porto Alegre: TotalBooks, 2021, v., p. 108-143.
- CUSTÓDIO PEREIRA, Marcelo ; TURRA NETO, Nécio ; BERNARDES, Antonio. Geografias da vida noturna. **CRÍTICA E SOCIEDADE**: revista de cultura política, v. 9, p. 249-274, 2020.
- FERNANDES, Rodrigo Blasckesi ; BECKER, Elsbeth Leia Spode. **Geografia, espaço e lazer**. *Disciplinarum Scientia | Ciências Humanas*, Santa Maria (RS, Brasil), v. 8, n. 1, p. 11–20, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/1666>. Acesso em:
- GÓES, Eda Maria et al. **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer**. Chapecó: Argos, 2013.

HASS, Monica ; ALDANA, Myriam ; BADALOTTI, Rosana Maria . O Plano Diretor de Chapecó (SC) e a possibilidade de um pacto social à luz dos princípios do Estatuto da Cidade. *Ciências Sociais Unisinos* , v. 44, p. 208-219, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: Séries Temporais**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 22 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008, 202 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades: 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020, 192 p.

KESCHNER, Bruna. **Espaços (semi)públicos de sociabilidade juvenil em Chapecó**. 2017. Monografia (Graduação em Geografia) – Curso de Geografia – Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

KESCHNER, Bruna. **Heranças e evoluções da sociabilidade e do direito à cidade em Chapecó: um olhar a partir da periferia**. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2023.

LINDO, Paula. O mapa da pesquisa de gênero na geografia brasileira (2010 a 2019): Sistematização e análise. **Revista da Anpege**, v. 17, p. 259-281, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12488>.

MAIA, Rousiley Celi Moreira . “Sociabilidade: apenas um conceito?” **GERAES – Revista de comunicação social**, Belo Horizonte, v.1, n. 53, p. 4 – 15, 2001.

MATIELLO, Alexandre. Et al. Chapecó/SC: o agronegócio, o setor terciário em expansão e a crescente desigualdade socioespacial. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; MAIA,

Doralice Sátyro (Org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Dourados e Chapecó**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Editora UNESP, 2016. P. 171-319.

MILANI, Patricia Helena ; GÓES, Eda Maria . Metodologia qualitativa na análise de práticas espaciais. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito; Eliseu Savério Sposito. (Org.). **A construção de uma pesquisa em ciências humanas**. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2022, v. , p. 173-185.

MOTTA, Diana ; MATA, Daniel Da . Crescimento das cidades médias. **Boletim Regional Urbano**. Brasília: IPEA, n. 1, p. 33-38, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5525>. Acesso em 10 jun. 2024.

MOURA, Rosa ; NAGAMINE, Liria ; FERREIRA, Gustavo (2021) : **Regic: Trajetória, variações e hierarquia urbana em 2018**. Texto para Discussão, No. 2666, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, <https://doi.org/10.38116/td2666>

NALIN, Vinícios. **Corpos à margem: performance e performatividade queer nos espaços de representação em Chapecó/SC**. 2023. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2023.

NASCIMENTO, Ederson . A segregação socioespacial em Chapecó: formação histórico-geográfica e tendências contemporâneas. In: Ederson Nascimento; Ana Laura Vianna Villela. (Org.). **Chapecó em foco: textos e contextos sobre o espaço urbano-regional**. 1ed. São Carlos: Pedro & João, 2017, v. , p. 105-154.

REIS, Maíra Lopes. ESTUDOS DE GÊNERO NA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE FEMINISTA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 38, p. 11–34, 2015. DOI: 10.12957/espacoecultura.2015.29067. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/29067>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

SILVA, Cleiton Ferreira Da ; LEGROUX, Jean ; SILVA, Késia Anastácio Alves Da ; MORCUENDE, Alejandro. Entrevista com agentes bem-informados: Perspectivas para a análise da fragmentação socioespacial. In. GÓES, Eda Maria; MELAZZO, Everaldo (Org.). **Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: procedimentos, instrumentos e operacionalização**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2022. p. 123-148.

SILVA, Joseli Maria . **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. v. 1. 313p .

SILVA, Joseli Maria ; ORNAT, Marcio Jose. **Espaço urbano, poder e gênero: uma análise da vivência travesti.** Revista de Psicologia da UNESP, v. 9, n.1, 2010, p. 83-95.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio ; LEE, Debora. Entre medo e desejo: o espaço paradoxal da existência noturna de travestis e mulheres transexuais. In: TURRA NETO, N. (org). **Geografias da noite: Exemplos de pesquisas no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2021.

SILVA, Susana Maria Veleda da. Gênero e Geografia/Geografia Feminista: O que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia,** Porto Alegre, n. 23, p. 105-110, 1998.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: Seleção, tradução, introdução e bibliografia.** São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Novas redes urbanas: cidades médias e pequenas no processo de globalização.** Revista de Geografia (São Paulo) , v. 35, p. 51-62, 2010.

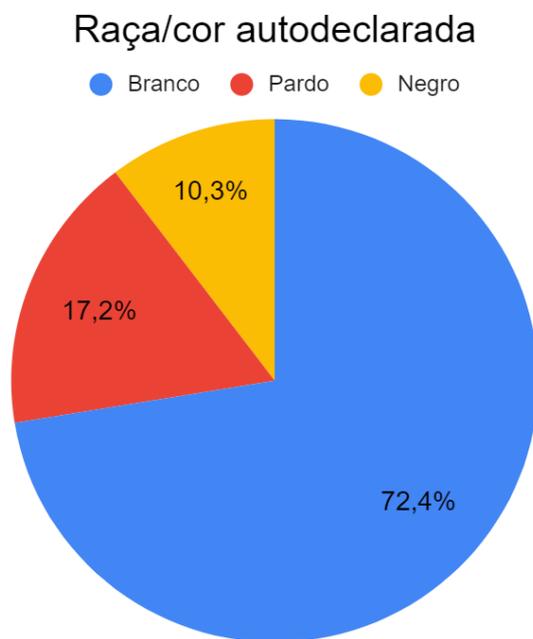
STABACK, Daiane Franciele ; LIMA, Jandir Ferrera de . **Cidades médias brasileiras e sua convergência de crescimento e desenvolvimento socioeconômico.** URBE. REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO URBANA , v. 15, p. 01-18, 2023.

TURRA NETO, Nécio. Vida noturna, a construção de um objeto de estudo para a Geografia. **TERR@ PLURAL (UEPG. ONLINE),** v. 11, p. 31-41, 2017. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/10599/6074> . Acesso em:

APÊNDICE A – Estrutura da entrevista com os donos

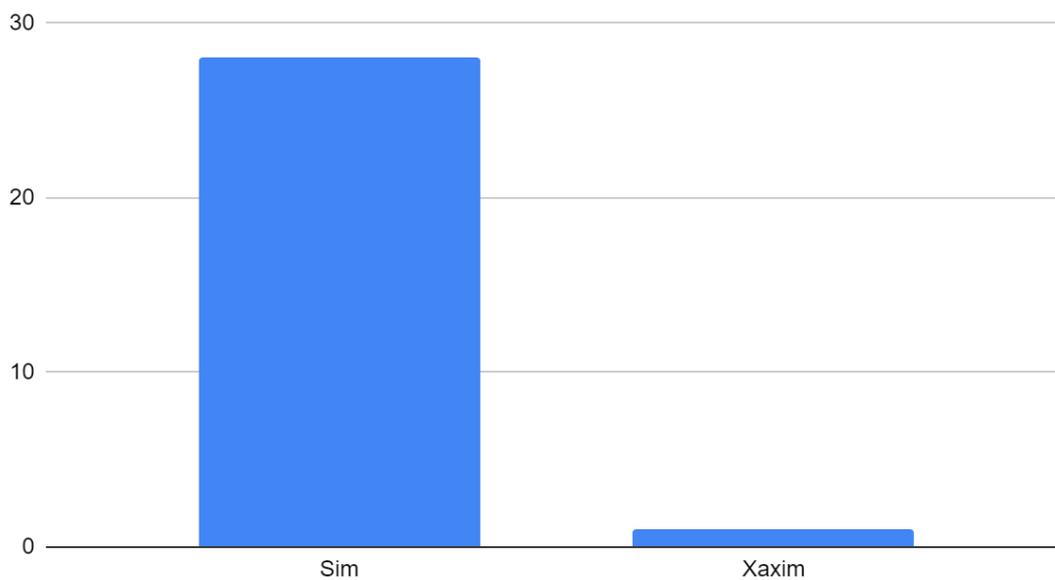
1. Fale um pouco a seu respeito: idade, de onde é, por que decidiu trabalhar com entretenimento, se já teve outros estabelecimentos antes.
2. Quais motivos levaram à criação do rolê 49?
3. Houve dificuldades para criar o estabelecimento? E para mantê-lo?
4. Existe uma estratégia para manter o público-alvo interessado em frequentar e consumir no estabelecimento? Se sim, qual?
5. Como você define o seu público alvo?
6. Por que o seu público-alvo é este?
7. Como é a relação do estabelecimento com o seu entorno? Há alguma reclamação devido a barulho e movimento, por exemplo?
8. O que levou a escolher o centro da cidade para alocar o estabelecimento?
9. Com qual intuito foram feitas as alterações no espaço do estabelecimento?
10. Como você vê o posicionamento do poder público chapecoense para com estabelecimentos como o seu?
11. Como você avalia a relevância do seu estabelecimento para a socialização de grupos de jovens LGBTQ+ na cidade de Chapecó?
12. Você identifica se houve avanços em termos de aceitação e respeito à comunidade LGBTQ+ nos últimos 10 anos? Você acha que há impacto disso no seu negócio?
13. O que você avalia que poderia melhorar na relação com a vizinhança? Com o poder público?
14. Você conhecia a YesBanana? Acredita que seu negócio é possível hoje porque houve a YesBanana antes?
15. Você acha que há espaço na cidade para mais locais LGBTQ+?
16. Você tem projetos de mudanças? Aumentar? Reformar? Abrir um segundo lugar aqui ou em outra cidade?

APÊNDICE B – Outros resultados do questionário online



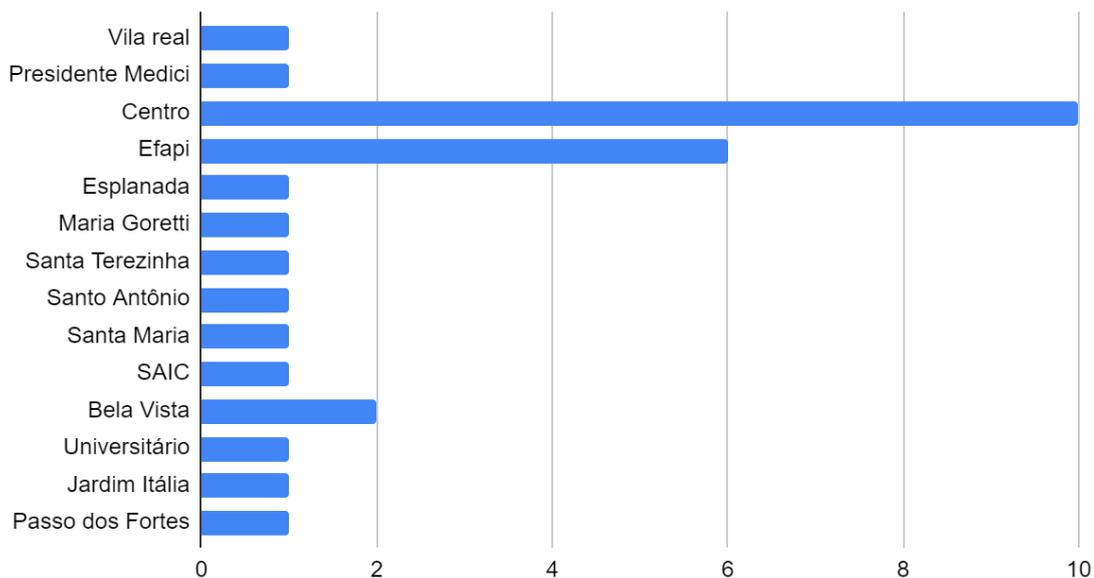
Fonte: autora (2024)

Reside em Chapecó?



Fonte: autora (2024)

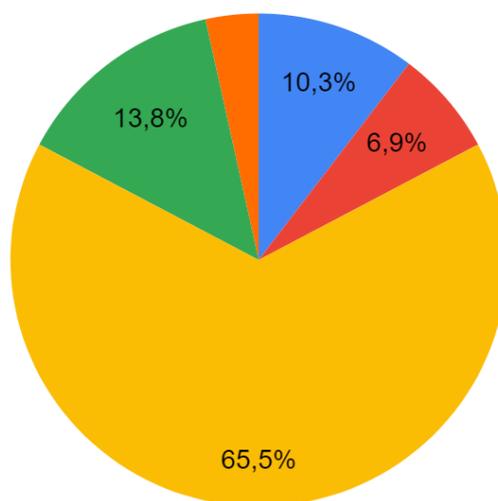
Em qual bairro você mora?



Fonte: autora (2024)

Nível de escolaridade

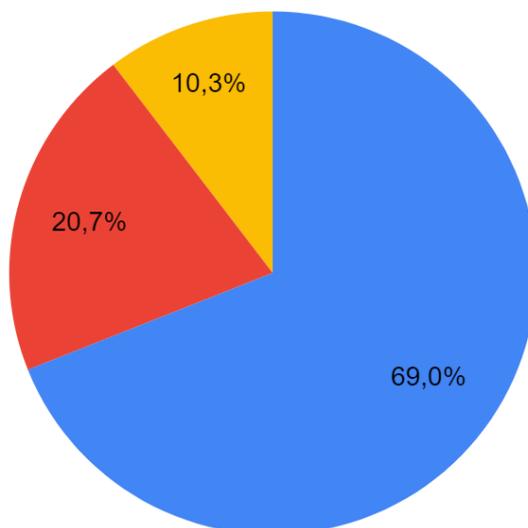
● Pós-graduação incompleto ● Ensino superior completo ● Ensino superior incompleto
● Ensino médio completo ● Ensino médio incompleto



Fonte: autora (2024)

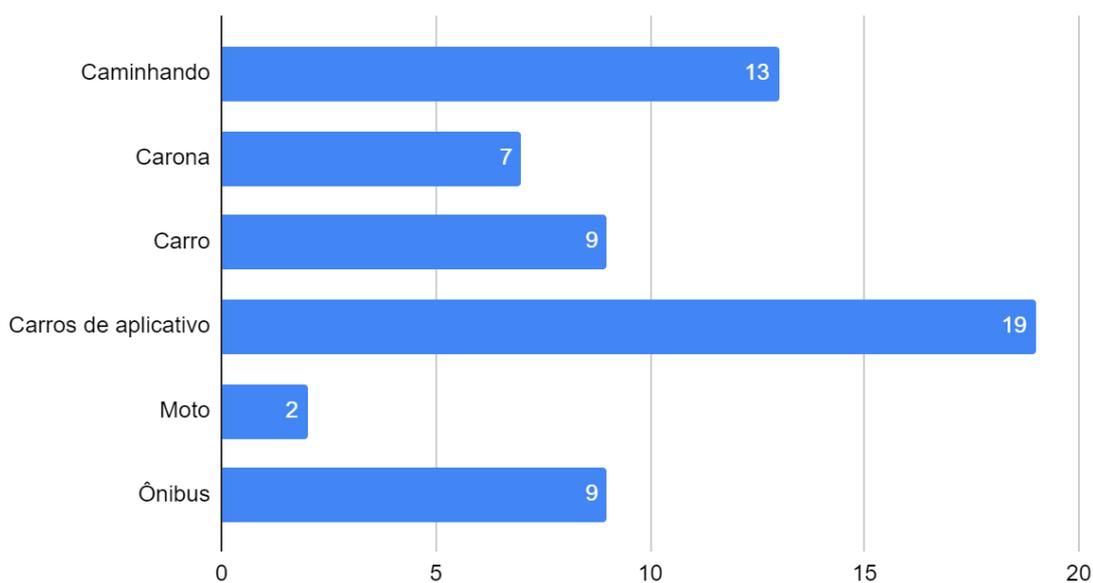
Ocupação

● Estuda e trabalha ● Trabalha ● Estuda



Fonte: autora (2024)

Como você se locomove para frequentar esses locais?



Fonte: autora (2024)